



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

WINNIE ARAÚJO FERREIRA

**A JUVENTUDE, A BELEZA E O TEMPO:
UM NOVO OLHAR SOBRE O NARCISISMO DA PERSONAGEM CAMILA DO
CONTO “UMA SENHORA” DE MACHADO DE ASSIS**

**MONTEIRO
2017**

WINNIE ARAÚJO FERREIRA

**A JUVENTUDE, A BELEZA E O TEMPO:
UM NOVO OLHAR SOBRE O NARCISISMO DA PERSONAGEM CAMILA DO
CONTO “UMA SENHORA” DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª Ma. Joana Dar’k Costa.

MONTEIRO-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383j Ferreira, Winnie Araújo.
A juventude, a beleza e o tempo [manuscrito] : Um novo olhar sobre o narcisismo da personagem Camila do conto / Winnie Araújo Ferreira. - 2017.
51 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.
"Orientação: Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Departamento de Letras".

1. Narcisismo. 2. Beleza. 3. Literatura brasileira. I. Título.
21. ed. CDD B869.930 1

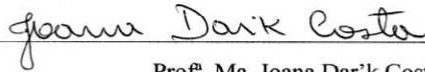
WINNIE ARAÚJO FERREIRA

**A JUVENTUDE, A BELEZA E O TEMPO:
UM NOVO OLHAR SOBRE O NARCISISMO DA PERSONAGEM CAMILA DO
CONTO “UMA SENHORA” DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovada em 31 de Julho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª. Ma. Joana Dar'k Costa

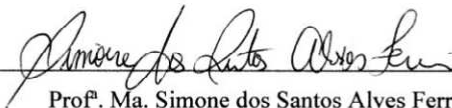
UEPB

ORIENTADORA



Prof. Me. Adilson da Silva Tavares

UEPB



Prof.ª. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira

UEPB

Primeiramente a Deus, o meu Pai e amigo eterno, aos meus pais, os meus exemplos de integridade. Aos meus avós por todo carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

Nesta etapa final do curso, após uma longa jornada, entre os altos e baixos que a vida acadêmica nos oferece só me restam palavras de agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma cooperaram para que eu chegasse até aqui. Nada na vida vem fácil ou de graça, mas tudo requer muito esforço, determinação e trabalho pesado, como também é importante ter ao nosso lado pessoas que nos acrescentam e nos apoiam da mesma forma que podemos correspondê-las com reciprocidade, por isso direciono as minhas palavras de agradecimento primeiramente a Deus, o autor da vida, o meu Pai, Aquele a quem devo toda a honra e glória, é Ele quem me protege e me sustenta. Ao Espírito Santo que habita em mim, meu amigo e consolador que me ajudou e continua a me ajudar em todos os momentos difíceis e de solidão, a sua beleza me encanta e a sua presença me inspira a viver, como também me ajudou com cada palavra deste trabalho. A Jesus Cristo, que morreu numa cruz para nos resgatar e mudar a nossa vida, nos reaproximando de Deus, como intermediador, mas que também ressuscitou, nos livrando de todo peso do pecado que estava sobre nós, a sua vida me inspira e me ensina a ser melhor todos os dias.

Agradeço aos meus pais José William Ferreira e Vera Lúcia Vieira pela vida que me foi dada, como também os seus conselhos, ensinamentos e todo o apoio durante a minha caminhada. Agradeço por nunca terem me deixado faltar nada e por todos os momentos que passamos juntos, por acreditarem nos meus planos e nos meus sonhos.

Devo agradecimentos também aos meus avós Maria Magi e Antônio Calixto que desde sempre foram figuras importantes para minha vida, pois sempre me recebem de braços abertos, demonstrando um enorme carinho e muito apoio.

Aos meus amigos da vida também, que sempre apoiaram e incentivaram os meus sonhos e projetos, devo o meu agradecimento.

Dentro da vida acadêmica é importante manter boas conexões com as pessoas, sejam elas colegas, professores ou funcionários. Por isso sou grata por todas as conexões que fiz durante este período, grata em especial aos meus colegas de classe Jessica Rodrigues, Humberto Junior Carneiro e Vandecleide Tavares, por juntamente comigo, perseverarem até o fim, e por se mostrarem sempre pessoas prontas para ajudar e suportar uns aos outros.

À minha orientadora Joana Dar'k Costa, que sempre muito paciente me orientou com exímia dedicação, sempre acreditando no meu potencial, enxergando em mim o que nem eu mesma havia enxergado.

Da mesma forma a todos os docentes que se mostraram excelentes profissionais e seres humanos maravilhosos dentro e fora da sala de aula, os meus maiores e mais sinceros agradecimentos por tudo o que representaram, e ainda representam, na minha vida.

“E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...”

(Ludwig Feuerbach)

RESUMO

Viver o presente é o imperativo da sociedade contemporânea, o corpo tornou-se o objeto de culto do indivíduo, o investimento, anteriormente voltado para o espaço público, agora tem como alvo o espaço privado e livrar-se de tudo o que possa ser degradante à imagem da beleza. Esse é o novo estágio do individualismo o qual é denominado “Narcisismo” por Gilles Lipovetsky (2005). A Psicanálise, que tem como precursor Sigmund Freud, afirma que narcisista é o indivíduo que tem o seu corpo como um objeto de desejo, nele há um amor excessivo por si próprio. Machado de Assis (1839-1908), um escritor de obras atemporais e passíveis de identificação, nos apresenta o conto “Uma Senhora” (1884), cuja personagem vive a angústia de ver o seu corpo envelhecer, então luta para impedir as adversidades temporais que possam denegrir a sua beleza e acabar com a sua juventude. É nesse ponto que esta produção tem a sua principal reflexão: se, embora a narrativa seja datada em meados do século XIX, é possível que o drama vivenciado pela personagem Camila, a angústia e o medo do envelhecimento continue ressoando e se constituindo o mesmo dilema dos seres humanos da contemporaneidade. Para responder essa questão o objetivo deste trabalho é analisar se os conflitos vivenciados pela personagem do conto em pleno século XIX apresentam similaridades com o narcisismo contemporâneo. Para alcançar o objeto, o referencial teórico principal terá Sigmund Freud, com suas considerações sobre a origem do Narcisismo; E o filósofo Gilles Lipovetsky, com uma concepção contemporânea do Narcisismo. Assim como o indivíduo descrito por Lipovetsky, a personagem Camila demonstra o mesmo temor do futuro e o hiperinvestimento em seu corpo, porém no sujeito contemporâneo o Neonarcisismo se atualiza e além dos limites do corpo, o estado narcísico se expande à psique.

Palavras-chave: Narcisismo, Sociedade Contemporânea, Beleza, Literatura

ABSTRACT

Now or never is the imperative of contemporary society, the body has become the object of worship of the individual, the investment, previously turned to the public space, now targets the private space, and get rid of anything that maybe degrading to the image of beauty, this is the new stage of individualism which is called "narcissism" by Gilles Lipovetsky (2005). Psychoanalysis, which has as its precursor Sigmund Freud, states that narcissistic is the individual who has his body as an object of desire, there is an excessive love for yourself. Machado de Assis (1839-1908), a writer of timeless and identifiable works, introduces us to the story "Uma Senhora", whose character lives the anguish of seeing her body grow old and the struggle to prevent against the temporal adversities that may end her beauty. It is at this point that this work has its main reflection: If, although the narrative is dated in the middle of the nineteenth century, it is possible that the drama experienced by the character Camila, the anguish and the fear of aging continue to resonate and constitute the same dilemma of contemporary human beings. To reach the object, the main theoretical reference will have Sigmund Freud, with his considerations on the origin of Narcissism; And the philosopher Gilles Lipovetsky, with a contemporary conception of Narcissism. Like the individual described by Lipovetsky, the character Camila demonstrates the same fear of the future and hyperinvestment in her body, but in the contemporary subject, Neonarcism is updated and beyond the body, the narcissistic state expands to the psyche.

Keywords: Narcissism, Contemporary Society, Beauty, Literature

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	NARCISISMO: DO SURGIMENTO À CONTEMPORANEIDADE	14
2.1	O NASCIMENTO DO MITO	14
2.2	O NARCISISMO À LUZ DE SIGMUND FREUD	15
2.3	NARCISISMO E CONTEMPORANEIDADE: AS CONSIDERAÇÕES DE GILLES LIPOVETSKY	22
3	EM BUSCA DA BELEZA E JUVENTUDE: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM CAMILA DO CONTO “UMA SENHORA” DE MACHADO DE ASSIS	28
3.1	LITERATURA BRASILEIRA: O REALISMO	28
3.2	A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS	29
3.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO CONTO	31
3.4	CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS SOBRE “UMA SENHORA” (1884)	33
3.5	D. CAMILA CONTRA O TEMPO: A BUSCA PELA JUVENTUDE ETERNA ...	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, desde os primórdios, busca explicações sobre a sua origem, o porquê de sua existência e de seus comportamentos, existe também uma busca por imagens que estão além de si para que possam se espelhar e buscar conforto e redenção. Muitas narrativas religiosas e filosóficas apresentam diferentes explicações para os questionamentos que a humanidade tem a respeito da vida, logo o indivíduo busca encontrar-se e identificar-se nesses princípios.

As narrativas mitológicas apresentam explicações para muitos destes questionamentos, assim como também apresentam figuras divinas no qual o ser humano se identifica. O Mito, segundo Chauí (2002), narra a origem de algo, seja a origem do mundo, dos astros, dos seres vivos, ou do bem e do mal, da morte, doenças, do poder, etc. Estas narrativas apresentam personagens sobrenaturais, heróicos e divinizados, como deuses e semideuses, os quais são atravessados por simbologias. Porém, apesar de serem figuras divinas e heroicas, estes personagens são verdadeiras representações da personalidade humana, logo são passíveis de tornar-se um fundamento para os estudos das condições humanas. O mito de Narciso é uma das narrativas mais conhecidas da mitologia grega e conta a história de um rapaz de extrema beleza, filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liríope, que se apaixona profundamente por seu reflexo nas águas de um rio e morre por não comer nem beber, apenas admirando a sua imagem.

O termo Narcisismo passa a incorporar os estudos da Psicologia, e é utilizado pela Psicanálise para denominar um indivíduo que tem um amor excessivo por si próprio, tendo o seu corpo como um objeto de desejo. Segundo Nasio (1997), Sigmund Freud (1856-1939) foi o precursor dos estudos psicanalíticos e, após anos de produção, conseguiu trazer novas noções ao campo da psicologia, como o conceito de Narcisismo, logo então este estudo se tornou um dos mais conhecidos dentro e fora desta área.

Após desenvolver o conceito da libido, Freud (1996 a) apresenta um novo estágio de evolução desta libido: as catexias que eram, anteriormente, somente conhecidas pela noção da libido como obtenção de prazer a partir de objetos, agora também podem ser catexias do ego, na qual o próprio Ego do sujeito toma o lugar do objeto, sendo assim denominada Libido do Eu. A partir desse estudo, Freud aprofunda relação entre a Psicanálise e o Narciso, chamando então a Libido do Eu de *Narcisismo*. Este novo conceito é subdividido por Freud em duas fases: o narcisismo primário e o narcisismo secundário, que é também chamado de Narcisismo do Eu.

Além da Psicanálise, o Narcisismo também foi incorporado em outras áreas de estudo, como a sociologia e a filosofia, trazendo novas abordagens e um novo olhar sobre este conceito. Dentre os escritores desta área encontra-se Gilles Lipovetsky, um filósofo francês que toma a sociedade contemporânea como seu objeto de estudo, abordando o individualismo exacerbado, a busca pelo prazer e a cultura do consumo e do luxo. Os estudos de Lipovetsky apresentam uma perspectiva moderna do Narcisismo, e para ele o estado narcísico da sociedade se inicia quando há uma desvalorização do investimento espaço público, se revertendo, desta forma, para o espaço privado, ou seja, o sujeito e o seu próprio corpo passam a ser os alvos dos investimentos excessivos no cuidado com sua saúde física e mental, e o seu bem-estar passa a ser prioridade.

Segundo o filósofo, apreciar e vivenciar o prazer no tempo presente, sem se preocupar com as gerações futuras, também passam a ser prioridades na vida do indivíduo, mostrando, assim, uma necessidade de permanência em um estado de juventude eterna. “Não envelhecer” torna-se o imperativo, logo para se manter neste estado e combater a adversidade temporal, as técnicas de “*self-examination*” são aprimoradas, e então ocorre um hiperinvestimento do indivíduo em seu próprio corpo, tornando-o assim um objeto de culto, e este hiperinvestimento narcisístico é visto através da angústia das rugas trazidas pela idade, de diárias de *check-up* clínico, obsessão pela saúde e higiene, esportes, cuidados médicos exagerados, regimes, etc. (LIPOVETSKY, 2005).

Porém, Lipovetsky (2005), como também Boris e Cesidio (2007), ressalta que essa sede de permanecer jovem e o intenso interesse pelo corpo não é algo espontâneo, mas vem das influências de diversos dispositivos sociais e econômicos: a família, a escola, o mercado, a mídia, a religião, as relações afetivas, dentre outros. Para os Psicanalistas Félix Guattari e Suely Rolnik (2008), a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais; produção esta que não se manifesta sob a determinação de uma instância dominante ou de relações hierarquizadas, mas sim numa transversalidade de diversos fatores subjetivadores que a atravessam, como instituições, objetos técnicos, saberes e outros.

Além das áreas da psicologia, sociologia e filosofia, a literatura também tem sido palco e fonte para as discussões sobre o Narcisismo, pois, assim como as mitologias greco-romanas, as obras da literatura têm apresentado através das narrativas, muitos dos perfis da subjetividade humana, descrevendo indivíduos que representam e até se tornam a própria personificação dos modos de ser e de viver do ser humano.

Dentro da literatura brasileira, Machado de Assis (1839-1908) se destaca em seu período Realista por ser um escritor de obras que se tornam atemporais e passíveis de

identificação que proporcionam discussões profundas e análises com diferentes interpretações. Além disso, a presença de personagens femininas é um ponto forte em sua produção. A escrita Realista de Machado é considerada mais madura nesta fase, as suas narrativas abrem espaço para análises psicológicas de suas personagens, e utilizando-se de uma linguagem carregada de ironia e humor, o autor explora a alma do ser humano, ou seja, os seus desejos e necessidades, falhas e qualidades, dando destaque a dramas envolvendo a inveja, o egoísmo, traição, vaidade, etc.

Por ter enredos entrelaçados de análises psicológicas, as obras de Machado de Assis muito se aproximam de estudos psicanalíticos, logo tornam-se objeto de estudos tanto da literatura quanto da psicologia. Dentre o acervo do autor destacamos o conto “Uma Senhora”, de 1884, esta narrativa aborda a busca pela beleza e juventude eterna e conta a história de D. Camila, uma mulher amante de sua aparência jovem, casada e com uma filha, e que luta de todas as formas possíveis contra o tempo e a velhice.

A angústia de D. Camila a respeito de sua aparência nos remete a angústia do século atual, as diversas propagandas que aparecem em diversas plataformas, incentivam o sujeito a se livrar de seus complexos, a viver o hoje, a combater a velhice, a não se preocupar com o amanhã. E, como já mostrado, Gilles Lipovetsky (2005) aponta essa angústia e a devoção que a sociedade do século presente tem a respeito do corpo, o que nos leva de volta à trajetória da personagem do conto “Uma Senhora” para compreender os conflitos relacionados à idade e ao corpo existentes tanto na época da narrativa, quanto nos dias atuais.

Por tamanha semelhança entre os anseios da personagem Camila e a sociedade atual, é possível que a personagem, apesar de ser apresentada no século XIX, torne-se uma representação da sociedade contemporânea analisada por Lipovetsky. Por este motivo o conto de Machado de Assis “Uma Senhora” torna-se o objeto de estudo deste trabalho.

Portanto, diante de tudo o que foi apresentado anteriormente, este trabalho foi norteado pela seguinte questão: embora a personagem do conto esteja presente em uma narrativa do século XIX, é possível que o drama vivenciado por Camila, a angústia e o medo do envelhecimento continue ressoando e se constituindo o mesmo dilema dos seres humanos da contemporaneidade?

Com base nesta questão, o objetivo principal deste trabalho é analisar se os conflitos vivenciados pela personagem de Machado de Assis do século XIX apresentam similaridades com o narcisismo contemporâneo. Para tanto, torna-se também o nosso objetivo analisar, tomando por base a perspectiva moderna do Narcisismo apresentada pelo filósofo Gilles Lipovetsky (2005), a preocupação da personagem Camila com a sua aparência, a angústia e o

medo quando os sinais da velhice apontam no seu corpo e externo a ele, e a luta dela para permanecer como uma figura jovem e bela, a influência destes comportamentos na sua relação com a família, a sociedade e consigo mesmo.

Para tanto, além de Gilles Lipovetsky (2005), que é a base teórica principal desta pesquisa, também recorreremos a Sigmund Freud (1996a, 1996b, 2010), Juan-David Nasio (1997), Christopher Lasch (1983), dentre outros, que, em suas elaborações teóricas, abordam com profundidade a temática do Narcisismo a partir de perspectivas teóricas diferenciadas. Da mesma forma se faz presente Alfredo Bosi (2003), com considerações a respeito da Literatura Realista e Machado de Assis.

O presente trabalho se desenvolve em dois capítulos: no primeiro momento aborda-se a origem das narrativas mitológicas para uma compreensão mais ampla do conceito de Narcisismo, há também a apresentação das linhas teóricas principais do tema que são elaboradas e discutidas por Sigmund Freud e Juan-David Nasio (1997), com produções a respeito da origem e desenvolvimento do Narcisismo no indivíduo. Logo em seguida há a apresentação das idéias de Gilles Lipovetsky (2005) e Christopher Lasch (1983), que analisam o surgimento e os desdobramentos do Narcisismo na sociedade contemporânea.

No segundo capítulo encontram-se as considerações de Alfredo Bosi (2003) sobre Machado de Assis e o movimento literário, a análise literária de “Uma Senhora” (1884), assim como a exploração do conto, e dos elementos presentes nele, sob o olhar de Lipovetsky, o qual possibilita analisar e discutir a angústia e o medo da velhice da personagem, como também a sua relação com a família, com a sociedade, consigo mesmo e com os eventos que tentam frustrar a sua luta contra o tempo.

2 NARCISISMO: DO SURGIMENTO À CONTEMPORANEIDADE

2.1 NASCIMENTO DO MITO

O mito pode ser definido como o conjunto de narrativas de caráter social que tentam explicar o modo de viver dos seres humanos e alguns fenômenos da natureza, tais como: criação do mundo, origem dos seres vivos e fatos da realidade nos quais não se podem compreender. Nas palavras de Marilena Chaui (2002, p.28) “o mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder etc)”. Segundo esta autora, a palavra Mito é originada da palavra grega *Mythos*, a qual é derivada de dois verbos: *Mytheyo*, que significa “contar, narrar, falar alguma coisa para outros”; e *Mytheo*, que significa “contar, conversar, anunciar, nomear, designar”. Logo, para os gregos, o mito é o ato de proferir e pronunciar em público uma narrativa. Os ouvintes tomam o que é narrado como uma verdade, porque existe naquele que narra uma confiabilidade e autoridade, pois ele ou testemunhou os fatos narrados, ou recebeu a narrativa de quem os testemunhou.

Mircea Eliade (1972, p. 18) afirma que estas narrativas constituem “a História dos atos dos entes sobrenaturais”, os quais são venerados e revestidos de simbologias. Para a autora a História é considerada absolutamente verdadeira, pois advém da própria realidade, e sagrada por ser o feito dos “entes sobrenaturais”. Assim como para Chaui (2002), Eliade (1972) aponta que o mito

Se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos (p. 18)

Segundo Franchini e Seganfredo (2007), apesar da concepção de que os mitos surgiram no imaginário popular de maneira espontânea, ainda são desconhecidas as suas origens, pois elas foram repassadas de forma oral de geração a geração. Ainda segundo o autor

Com o passar do tempo tais lendas se cristalizaram em formas mais ou menos definidas, porém nunca acabadas, já que com a passagem dos milênios as histórias iam sofrendo alterações, eram levadas de um país a outro, adquirindo novo cenário, por vezes novo roteiro e até novos personagens. De modo que, hoje, temos à nossa disposição as mais diversas versões para os mais diferentes mitos — sem falar nas versões que por uma razão ou outra possivelmente tenham sido soterradas pelos anos. (p. 9)

As histórias mais conhecidas e contadas são as que foram originárias da mitologia greco-romana, dentre elas destacamos o mito de Narciso. Este se torna um dos mitos gregos mais conhecidos da história, e, sendo uma rica fonte de estudo, foi tomado como um fundamento para explicar alguns fenômenos psíquicos estudados pela psicologia, da mesma forma o mito de Édipo Rei, no qual a psicanálise tem como base para explicar uma das fases do desenvolvimento da sexualidade humana.

De acordo com Franchini e Seganfredo (2007, p. 111), na mitologia greco-romana Narciso era filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liríope, um jovem de extrema formosura que despertava o amor das ninfas e donzelas, porém, pretensioso e arrogante, Narciso preferia viver só, sem nenhuma companhia amorosa, pois não considerava mulher ou ninfa alguma merecedora de seu amor e beleza. A ninfa Eco, condenada pela deusa Juno, esposa do deus Júpiter, a eternamente repetir apenas a fala dos outros, apaixonou-se por Narciso, que a rejeita por sua condição, e isto leva a ninfa a se isolar em uma gruta, e, conseqüentemente, definhando, restando somente sua voz. Certo dia, após uma caça intensa, Narciso decide parar para tomar água em um rio próximo, porém ao enxergar a imagem de uma bela figura refletida nas águas deste rio, a sua própria imagem, apaixonou-se, entretanto não pode tocá-la e vê que aquela figura não corresponde ao seu amor, então fica somente a admirá-la por dias, se esquecendo de comer e beber, apenas definhando, então logo, Narciso morre. No lugar onde Narciso morre aparece uma flor, e por algumas teorias afirmarem que o seu corpo se transformou nesta flor, ela ganhou o nome do personagem.

Retirado deste mito, o termo *Narcisismo* foi incorporado aos estudos da Psicologia, e, segundo a Psicanálise, refere-se a um amor excessivo que um indivíduo pode ter por si próprio, logo, tendo a si mesmo como um objeto de desejo. A palavra Narciso é derivada do grego *Narké*, que significa entorpecimento, torpor, daí vem também a palavra “narcótico”. O sentido do termo *Narcisismo*, porém, foi vulgarizado, após emigrado do próprio mito e do campo da psicanálise para a esfera popular, para definir alguém apenas vaidoso e/ou egoísta.

2.2 O NARCISISMO À LUZ DE SIGMUND FREUD

A Psicanálise teve como precursor o médico Sigmund Freud (1856-1939), que, vendo a necessidade de tratar os sintomas histéricos ou neuróticos de seus pacientes de forma efetiva, aplica-lhes um novo método de tratamento a partir da técnica da hipnose, chamado de “método catártico”. Descoberto por seu mentor Josef Breuer, o “método catártico” era uma

técnica na qual consistia em, partindo do sintoma, “fazer o paciente reencontrar as circunstâncias de sua primeira manifestação, cura de rememoração pela fala que supostamente o fazia desaparecer” (MIJOLLA, 2005, p. 1442), isto é, esse método fazia com que o paciente revivesse, através de um sono hipnótico, os conflitos e traumas que atormentavam sua vida.

Porém, Freud descobriu a “resistência” por parte dos pacientes, no qual se opunham a fazer a busca de recordações primitivas, mantendo, assim, secretas as origens de tais transtornos. Acreditava Freud que os problemas dos indivíduos que ele atendia provinham de desejos inconscientes e fantasias de natureza sexual que haviam sido reprimidos de algum modo, e que estavam associadas às fases da sexualidade vivenciadas na infância.

Dando um passo inovador, segundo Bock (*et al.*, 1999, p. 48), Freud abandona de vez o método com hipnose e desenvolve uma técnica de concentração, no qual a rememoração sistemática de seus pacientes se dava através de conversações em que o paciente respondia a perguntas feitas por ele. Mais adiante Freud abandona também as perguntas, deixando o paciente falar livremente. Quando foi permitido que o indivíduo falasse livremente, ele observou que por muitas vezes ele se envergonhava de algum pensamento ou imagem que lhe ocorria, então pôde perceber que existe uma força psíquica que se opõe a tomada de consciência ou revelação de algum pensamento, e a esta força deu o nome de resistência, e nomeou de repressão o processo psíquico que retira da consciência a ideia dolorosa, lançando-a no Inconsciente. Logo, esse método de analisar as resistências e interpretar as falas do paciente passa a ser chamado de “associação livre”, tornando-se o pilar da psicoterapia, mais tarde nomeada por Freud como “Psicanálise”.

Em 1900 Freud publica no livro “A interpretação dos sonhos” o primeiro conceito a respeito da estrutura e funcionamento do aparelho psíquico, no qual ele aponta a existência de três instâncias psíquicas: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Segundo ele, o consciente é a instância em que se encontram os pensamentos, sentimentos, falas e ações que o ser humano está ciente, ou seja, aqui está a percepção do mundo, além de receber todas as informações internas e externas ao indivíduo. O pré-consciente é a parte do sistema em que os pensamentos tornam-se ocultos, mas que estão acessíveis ao indivíduo quando deseja torná-los consciente.

O último sistema apontado por Freud é o Inconsciente, nele está todo conteúdo que não está presente no campo da consciência, os desejos reprimidos, pulsões na qual o consciente não acessa e os conteúdos que foram censurados. Todos estes conteúdos são regentes dos comportamentos e ações dos indivíduos, porém de modo imperceptível (BOCK *et al.*, 1999), por isso este sistema tem o seu funcionamento regido por leis próprias e é atemporal, portanto,

não há noção do tempo: presente, passado e futuro. Este sistema do aparelho psíquico citado tornou-se o mais importante objeto de estudo para a psicanálise, pois este método parte da investigação do inconsciente para tratar indivíduos com transtornos psíquicos.

Depois de formulada a teoria do aparelho psíquico, entre 1920 e 1923, Freud reformula esta teoria e introduz os conceitos dos três sistemas que compõe a mente humana, os quais ele nomeia de Id, Ego e Superego. O Id é a instância onde se encontra as energias psíquicas e pulsões que tem como intuito a obtenção de prazer; o Ego (do grego: Eu) é parte responsável por tentar manter o equilíbrio entre os desejos do Id e as exigências morais do SuperEgo, ele surge como resultado das tensões entre o Id e SuperEgo. Este último, surge durante o complexo de Édipo “a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade” (BOCK *et al*, 1999, p. 52), as quais geram limitações e proibições que impedem o indivíduo de realizar quaisquer desejo.

Assim, Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, através dos anos de produção psicanalítica, conseguiu trazer novas noções e conceitos ao campo da psicologia, um dos conceitos em destaque na sua teoria é o Narcisismo (2010), que se torna de agora em diante o foco deste trabalho.

Previamente a Sigmund Freud, afirma Nasio (1997), os primeiros estudos que fizeram menção ao mito de Narciso foram os de Havelock Ellis em 1898, quando ele inicia seus estudos que tentam explicar o encantamento da mulher pela sua própria imagem refletida no espelho. Entretanto é Paul Näcke que introduz o termo ‘Narcisismo’ na Psicanálise, em 1899, categorizando esse estado, que consiste em um estado de amor por si próprio, no qual todos os mimos, que geralmente são investidos em um objeto externo, voltam-se para o próprio corpo, então Näcke caracteriza o narcisismo como uma nova classe de perversão.

Sigmund Freud (1996) *apud* Nasio (1997) conceitua o termo ‘libido’ como “as catexias de energia que o ego dirige aos objetos de seus desejos sexuais”, e, juntamente com os estudos de Karl Abraham (1908), ele percebe que essas catexias, que anteriormente só eram conhecidas pela noção da libido como obtenção de prazer a partir de objetos, também podem ser categorizadas como catexias do ego, na qual o próprio Ego da pessoa toma o lugar do objeto. Então a partir desta nova categoria de catexia, Freud, em 1911, aprofunda a relação entre o mito de Narciso e a Psicanálise, tomando emprestado dos estudos de Näcke o termo ‘narcisismo’ para nomear essa libido do Eu, que ele toma como um “estágio normal de evolução da libido”. Nesse sentido,

A reflexão logo sugere que, se ocorre uma fixação da libido ao próprio corpo e à personalidade da pessoa, em vez de se fazer a um objeto, ela não pode constituir um

evento excepcional ou trivial. Pelo contrário, é provável que esse narcisismo constitui a situação universal e original a partir da qual o amor objetual só se desenvolve posteriormente, sem que necessariamente por esse motivo o narcisismo desapareça. (FREUD, 1996 a, p. 417)

Ainda segundo Freud (1996), é possível um sujeito ser egoísta e ainda assim manter “poderosas catexias de objeto”, já que a “satisfação libidinal faz parte das necessidades do ego”, como também, aponta ele,

É possível ser egoísta e, ao mesmo tempo, ser desmesuradamente narcisista – isto é, ter muito pouca necessidade de um objeto, seja para o propósito de satisfação sexual direta, seja com relação a aspirações mais elevadas, derivadas da necessidade sexual, que, às vezes, costumamos, sob o nome de ‘amor’, fazer contrastar com ‘sensualidade’. (p. 418)

O teórico acima citado distingue o Narcisismo em dois estágios: *Narcisismo Primário* e *Narcisismo secundário*. Porém, antes de iniciar as explicações sobre os estágios do narcisismo, se faz necessário abordar brevemente as fases da sexualidade desenvolvidas por Sigmund Freud (1905), pois se tornam importantes tendo em vista a sua relação com o surgimento do narcisismo. Estas fases, denominadas de desenvolvimento psicosexual, foram classificadas por Freud (1905) em: oral, anal, fálica, latência e genital. Na fase oral o bebê, no seu primeiro ano de vida, tem a região oral como zona erógena, obtendo prazer através da sucção no seio materno; a fase anal ocorre no período de segundo e terceiro ano de vida da criança, na qual tem prazer na expulsão ou retenção das fezes, tendo a região anal como zona erógena; na fase fálica, que ocorre no terceiro e quarto ano, a criança tem o prazer sexual no manuseio de seu órgão genital recém-descoberto; no período de latência, que se estende até a puberdade, ocorre a supressão dos impulsos sexuais e a libido se desloca para atividades socialmente aceitáveis, como atividades escolares, isto é, acontece uma pausa na evolução sexual do indivíduo; e na fase genital, que começa na adolescência, ocorre à volta dos impulsos sexuais, porém voltado para o outro, que está fora de seu ambiente familiar, isto quer dizer que há uma busca por um objeto de amor.

Na fase fálica, se destaca o processo conhecido como complexo de Édipo, nele a criança passa a amar o seu genitor do sexo oposto e a sentir ciúmes do genitor de mesmo sexo, pois este impede que este amor se concretize. Para aliviar a ansiedade que isto causa, a criança passa a se identificar, através da incorporação de valores sociais, com o genitor do mesmo sexo, porém com o medo de perder o amor de seu genitor, a criança o substitui pelo mundo social e cultural, passando, então, a participar dele.

Voltando ao tema do narcisismo, vimos que a origem do Narcisismo Primário dá-se nos primeiros anos de vida do bebê, no qual a criança é o centro das atenções, e Freud (2010 *apud*

NÁSIO, 1997, p. 48) define, em seu artigo de Introdução ao Narcisismo, publicado em 1914, como “um estado que não podemos observar diretamente, mas cuja hipótese devemos formular por uma raciocínio recorrente”.

Segundo Nasio (1997, p. 49), “o narcisismo primário representa, de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente no bebê e o narcisismo nascente dos pais”, sendo neste último onde a criança passa a ocupar o que foi perdido na vida dos pais, cabendo a ela o “dever” de recuperar os sonhos, desejos e projetos em que foram fracassados, Freud a chama de “Sua Majestade, o bebê”.

Diante dessa relação entre criança e progenitor, o seio materno se torna o primeiro objeto de prazer da criança (pulsão sexual), em que, não somente há a necessidade de alimentar-se (autoconservação), mas há uma obtenção de prazer de natureza sexual. Fernandes (2002) aponta que Freud descreve a forma “alucinatória pela qual as primeiras experiências de satisfação se dão num momento em que as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação ou egóicas”.

Entendemos que, para Freud, “pulsão” é uma energia psíquica que se origina no organismo e alcança a mente através de um estímulo, ele caracterizou a pulsão como uma “necessidade que só poderia ser eliminada pela satisfação” (SIANO, 2003, p. 3), logo a “pulsão sexual” é a energia que impulsiona o organismo à satisfação de natureza sexual, sendo esta a sua finalidade, enquanto a “pulsão de autoconservação” (ou pulsão do Eu) é diferente da pulsão sexual, apesar de servir de esteio para esta, pois tem como finalidade a autoconservação do indivíduo, ou seja, o objeto desta pulsão é o da necessidade, como o alimento, por exemplo.

Então, quando a pulsão sexual separa-se da pulsão de autoconservação, o indivíduo deixa o seu “objeto natural”, que é o seio materno, e se “entrega à fantasia”, a fase de autoerotismo se inicia. Este autoerotismo para Freud, segundo Nasio (1997, p. 48), “é o prazer que um órgão retira de si mesmo; as pulsões parciais (a pulsão de cada fase da sexualidade, conforme foi apresentada anteriormente) procuram, cada qual por si, sua satisfação no próprio corpo”.

A fase de autoerotismo caracteriza-se pela obtenção do prazer através da estimulação do próprio corpo (região oral, anal e genital), que, posteriormente, terão convergido das pulsões parciais para um objeto comum, e isto acontece na fase do narcisismo, que é tido como o estágio em que essas pulsões parciais, citadas por Nasio (1997), reúnem-se uma unidade e tomam o ego como objeto.

De acordo com Freud:

Nós formamos a imagem de um originário investimento libidinal originário do ego, cedido depois aos objetos; mas considerado em seu fundo, ele persiste, e é para os investimentos como o corpo de uma ameba é para os pseudópodes que emite. (...) As emanções desta libido, aos investimentos de objeto, que podem ser emitidas e retiradas de novo, foram as únicas que nos saltaram à vista. Vemos também grandes expressões da oposição entre a libido do ego e a libido de objeto. (FREUD, 1914, p. 73)

Nasio (1997, p. 49-51) afirma que para que este novo estágio se constitua como narcisismo secundário é necessário que “produza um retorno de investimento dos objetos, transformado em investimento do eu”.

O Narcisismo secundário de Freud, também chamado de narcisismo do eu, aponta Nasio (1997, p. 51), se distingue em dois movimentos: o primeiro movimento consiste no investimento das pulsões sexuais parciais, ou seja, a libido, em um objeto, que, segundo Freud, até este momento “funcionava segundo a modalidade auto-erótica”. Acontece que quando o bebê diferencia o seu corpo do mundo exterior, ele consegue identificar as suas necessidades, e quem ou o que as satisfaz, ele concentra em um objeto suas pulsões sexuais parciais, no qual se dirige, geralmente, para a mãe e o seio como objeto parcial. E então, posteriormente, em um segundo movimento, estes investimentos retornam para o eu, ou seja, a libido toma o ego como objeto.

Nasio (1997, p. 51) mostra que a criança sai do narcisismo primário porque vê o seu Eu real comparado a um Eu ideal que foi formado fora de si, ela se depara com uma imagem de si que lhe é imposta de fora, pela sociedade, como a face da perfeição, assim, a criança passa a ficar submetida às exigências do mundo que a cerca, tendo a necessidade de se encaixar em um padrão determinado.

Para Freud (*apud* NASIO, 1997, p. 51), “o desenvolvimento do eu consiste em distanciar-se do narcisismo primário”, porém a realidade é que o Eu deseja reencontrá-lo, pois o indivíduo

Não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (FREUD, 2010, p. 27)

Em outras palavras, o amor próprio que antes fora desfrutado pelo Eu real na infância, passa a ser direcionado ao Eu ideal, este que carrega toda a perfeição que um dia o Eu real teve. Para Nasio (1997, p. 51), a busca pela perfeição narcísica é despertada pelo “complexo de castração”, o qual acontece, primeiramente, com o descobrimento dos

diferentes sexos (masculino e feminino) no qual a criança pensava que o órgão genital, o pênis, era comum a meninos e meninas, e ao perceber que na menina o órgão não existe, ela teme o ter perdido, e ele teme em algum momento também perdê-lo de algum modo. Então é onde entra o segundo momento do complexo de castração, que aparece no declínio do complexo de Édipo, na qual a criança abandona o amor por seu progenitor de sexo oposto por medo de perder (não literalmente) o falo (ser castrado), o seu desejo, portanto, será reprimido através de imposição de condutas morais que se configuram na figura do seu Pai.

A mãe do menino compreende muito bem que a excitação sexual dele relaciona-se com ela, mais cedo ou mais tarde reflete que não é correto permitir-lhe continuar. Pensa estar fazendo certo proibindo-lhe manipular seu órgão genital. Sua proibição tem pouco efeito; no máximo, ocasiona uma certa modificação em seu método de obter satisfação. Por fim, a mãe adota medidas mais severas; ameaça tirar fora dele a coisa com que a está desafiando. Geralmente, a fim de tornar a ameaça mais assustadora e mais crível, delega a execução ao pai do menino, dizendo que contará a este e que ele lhe cortará fora o pênis. (FREUD, 1938, p.203)

Freud *apud* Nasio (1997) afirma também que, na instituição do narcisismo inclui-se uma imagem do objeto e uma imagem do ego, e assim, acontece a “escolha objetal narcisística”. Freud (2010, p.21) assinala que todo ser humano se depara originalmente com dois objetos sexuais: a mulher que o gerou e a si próprio, então a partir destes dois objetos, o indivíduo faz a escolha de um destes, podendo ele escolher o objeto *de apoio*, este é chamado assim, pois o instinto sexual se apoia no instinto do eu (de autoconservação), neste caso a mãe se torna para o indivíduo o modelo para a escolha do objeto de amor; ou o indivíduo pode escolher o objeto narcísico, na qual o indivíduo tem a si próprio como modelo para a busca do seu objeto de amor. Freud (ibid. p. 22), porém, não divide os seres humanos em dois grupos de acordo com o tipo de escolha do objeto, ele afirma que “para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência.”

Freud (ibid. p. 22) diz então que há diferenças fundamentais entre homens e mulheres no que concernem as escolhas objetais. Entretanto, o tipo de escolha objetal “de apoio” é mais comum ao homem, enquanto na mulher, Freud afirma que o aparecimento da beleza na menina após a puberdade faz dela autossuficiente, pois o que parece é que com a maturação dos órgãos femininos no narcisismo original há um aumento na autoconfiança da mulher, e a autossuficiência “compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objeto”, então a mulher “basta a si mesma”, e que “não ama, estritamente falando, senão a si mesma, e procura despertar a cobiça mostrando-se” e esse amor próprio tem a mesma intensidade que o amor de um homem direcionado a ela, para “sua necessidade não reside

tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição”. Freud (2010)

A mulher autossuficiente atrai mais os homens, não somente pela estética, mas porque o narcisismo exerce grande fascínio para os que “desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal”, ele fala que isso acontece porque “é como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos”, ou seja, alguém que não tem o amor próprio elevado e tem abandonado o narcisismo, não sendo assim autossuficiente é, segundo Freud (ibid), atraído pelo indivíduo autossuficiente e independente. Essa autossuficiência e independência são perceptíveis em Camila, a personagem do conto *Uma Senhora*, ela tem consciência de seus atributos e por isso é autoconfiante, o que atrai os olhares e a inveja de outras mulheres e o desejo dos homens.

Apesar desse estado narcísico em que a mulher permanece, assim como o homem, ainda segundo Freud (ibid), é possível também que ela alcance o completo amor objetal, ou seja, não tem mais somente a si, mas um novo objeto de amor e esse fato ocorre através do nascimento do filho, ou seja, a criança que nasce torna-se uma parte do seu corpo na qual ela o tem como um outro objeto “ao qual podem então dar, a partir do narcisismo, o pleno amor objetal” (FREUD, ibid, p. 24).

Conforme podemos perceber, com base no que apresentamos nos itens anteriores, o conceito de Narcisismo foi aprofundado por Sigmund Freud. Este conceito foi também abordado na sociologia e filosofia, produzindo, assim, novos olhares sobre o tema. O filósofo francês Gilles Lipovetsky é um dos teóricos contemporâneos que se destaca na abordagem do narcisismo. Em seu livro *A Era do Vazio* (2005) ele tem como foco a sociedade moderna e pós-moderna, abordando o crescimento do individualismo e da cultura do consumo e do luxo, mostrando a mudança do ‘hiperinvestimento’ da sociedade no público para o privado, no qual redireciona aquilo que era investido no coletivo para o Eu do indivíduo. Porém, diferente de outros pensadores, Lipovetsky não toma uma postura condenatória, pois, apesar de todos os problemas que possam causar, a onipresença do consumo na sociedade não possui um caráter negativo, porém é necessário observá-la criticamente.

2.3 NARCISISMO E CONTEMPORANEIDADE: AS CONSIDERAÇÕES DE GILLES LIPOVETSKY

O filósofo contemporâneo Gilles Lipovetsky, apresenta-nos uma perspectiva sobre o narcisismo e as suas análises filosóficas são centradas na sociedade contemporânea, a qual a caracteriza como sendo uma sociedade “Narcisista”. Baseado em C. Lasch (1979), ele aponta que a causa para a nomeação desta sociedade pós-moderna de ‘narcisista’ se dá pelo fato de que a humanidade tem a identidade de suas gerações comparada às grandes figuras dos mitos que traduzem a situação dos problemas da sociedade, como Édipo, Prometeus, Sísifo, pois eles são tidos como “espelhos da condição moderna”.

Trazendo essa condição para um quadro contemporâneo, o autor toma o mito de Narciso para reinterpretar a condição do sujeito da contemporaneidade, o sujeito narcisista. Esse estado psicológico se configura como um novo estágio do individualismo. Lipovetsky (2005) afirma que neste momento ocorre a transferência de investimento do “espaço público”, no que concerne aos interesses coletivos da sociedade, para “espaço privado”, no qual há o hiperinvestimento do sujeito em si próprio para “cuidar da saúde, preservar a própria condição material, desembaraçar-se dos “complexos”, esperar pelas férias”, ou seja, vê-se a transição do *homo politicus* – o indivíduo que tem uma preocupação com o estado universal – para o *homo psychologicus*, cuja preocupação volta-se para o particular, o bem-estar do Eu, deixando de viver para o coletivo e passando a viver para si mesmo.

O narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. (LIPOVETSKY, 2005 p. 32)

O “Neonarcisismo”, como o denomina Lipovetsky, produz no indivíduo um desinteresse pela esfera pública, permitindo uma “adaptação funcional ao isolamento social”, além da perda do sentido de uma continuidade histórica, esta que foi abandonada da mesma forma que “os valores e as instituições sociais” foram deixadas de lado. Dessa forma, “viver o presente” passa a ser o lema dessa geração que vive para si sem se importar com os costumes de seus antepassados, e sem se preocupar com a posteridade. Esse fato ocorre porque “quando o futuro parece ameaçador e incerto, resta debruçar-se sobre o presente, que não paramos de proteger, arrumar e reciclar, permanecendo em uma juventude sem fim” (LIPOVETSKY, 2005, p. 33). O historiador e crítico social Christopher Lasch também expõe que:

Viver para o momento é a paixão predominante – viver para si, não para os que virão a seguir ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongaram no futuro. (1983, p. 25).

Esse Neonarcisismo causa no sujeito contemporâneo uma condição de apatia pela condição trágica: “é numa apatia frívola que ele [o Neonarcisismo] ¹ surge maciçamente, a despeito das realidades catastróficas largamente exibidas e comentadas pela mídia” (LIPOVETSKY, 2005, p. 34). Porém, ao mesmo tempo em que há a abolição do trágico, há também uma apatia feita de “sensibilização epidérmica ao mundo”, e esse paradoxo, de forma parcial, explica a grande quantidade de informação transmitida pela mídia e a rapidez com que essas informações são substituídas, o que impede qualquer emoção duradoura no sujeito.

O narcisismo “foi gerado pela deserção generalizada dos valores e finalidades sociais, ocasionada pelo processo de personificação” (LIPOVETSKY, 2005, p. 34), e esse novo comportamento é também causado pelo aprimoramento das técnicas de *self-examination* e de todo um sistema de despadronização dos indivíduos.

Nos sistemas de “aparência humana”, que funcionam para o prazer, o bem-estar, a despadronização, tudo ocorre para a promoção de um individualismo puro, ou seja, psicológico, desembaraçado dos enquadramentos de massa e projetado para a valorização geral do indivíduo. (LIPOVETSKY 2005, p. 34)

Neste novo sistema as paixões são canalizadas para o Eu, e o Narciso se empenha para a libertação deste para avançar para um destino de autonomia e independência, no qual não necessita do outro, ou do seu amor, para ser feliz.

Tornando o Eu o alvo de todos os investimentos, o narcisismo se dedica a ajustar a personalidade à atomização sorrateira engendrada pelos sistemas personalizados. Para que o deserto social seja viável, o Eu deve se tornar preocupação central: a relação está destruída, mas pouco importa já que o indivíduo está apto a se absorver em si mesmo. (LIPOVETSKY 2005, p. 37)

Então o corpo e o Eu tornam-se o centro de toda a preocupação e investimento, e o medo da velhice e da morte fazem parte deste Neonarcisismo.

O desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a permanente necessidade de ser valorizado, admirado pela beleza, pelo charme e pela celebridade tornam intolerável a perspectiva do envelhecimento. (C. LASCH, 1979 *apud* LIPOVETSKY, 2005, p. 42).

¹ Acréscimo nosso.

Ao deparar-se com o casamento da filha, e a crescente probabilidade de ser avó, Camila se sente obrigada a adiar o máximo possível a chegada do neto. A ideia de se tornar obsoleta é angustiante e abominável aos olhos da personagem.

Diferente de outros autores, que tomam essa Era como uma Era de religiosidade, Lasch (1983) chama este momento em que a sociedade é focada no investimento do Eu de *Sensibilidade Terapêutica*, pois, o clima que a contemporaneidade vive, é “terapêutico e não religioso”. Na atualidade “as pessoas desejam não a salvação pessoal, para não dizer a restauração de uma era áurea primitiva, mas o sentimento, a ilusão momentânea de bem-estar pessoal, saúde e segurança psíquica” (LASCH, 1983, p. 27).

O corpo se torna um verdadeiro objeto de culto: o hiperinvestimento narcisístico é demonstrado nas práticas de angústia pelas rugas trazidas pela idade, de diárias de *check-up* clínico, obsessão pela saúde e higiene, massagens, saunas, esportes, cuidados médicos exagerados, terapias, regimes, etc. A angústia de Camila é demonstrada quando ela se depara com o primeiro fio branco e se põe a retirá-lo, e quando não é mais possível retirar, a esconder os fios que expõem a sua velhice.

Para Lipovetsky (2005, p. 42), “a representação social do corpo sofreu uma mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o abalo democrático da representação” e assim, advindo desse novo imaginário do corpo, resulta o narcisismo. Deste modo, com todos esses rituais de culto ao corpo, este se torna a identidade profunda do indivíduo, que não tem mais motivos para se envergonhar, podendo desta forma exhibir-se nu em praia e espetáculos.

Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; deve-se respeitá-lo, quer dizer, cuidar constantemente do seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os sinais de sua degradação por meio de uma reciclagem permanente (cirúrgica, esportiva, dietética, etc.); a decrepitude virou torpeza. (LIPOVETSKY, 2005, p. 42).

Assim, “permanecer jovem, não envelhecer” se torna imperativo e a “personalização do corpo apela para luta contra a adversidade temporal, o combate para conservar a nossa idade” (ibid). Com isso, as fronteiras entre o corpo e a consciência se desvanecem, tornando-se um “espaço incerto”, um “objeto-sujeito”, não se sabe onde começa ou termina o corpo graças aos surgimentos das técnicas de expressão corporal, da ioga e de outras técnicas de terapia.

Gilles Lipovetsky (2005, p. 43) aponta que “o corpo psicológico substituiu o corpo objetivo e a tomada de consciência do corpo a respeito de si mesmo tornou-se própria finalidade do narcisismo”, ele ainda afirma que “fazer com que o corpo exista por si mesmo, estimular a autorreflexão, reconquistar a interioridade do corpo, tal é a obra do narcisismo”.

O “corpo psicológico”, citado pelo filósofo, aparece a partir do que ele chama de “processo de psicologização”, na qual as fronteiras entre o corpo e a mente se diluem através de técnicas modernas de expressão corporal em que há uma conexão entre o corpo e a mente, e então o corpo deixa o “estado de positivismo material” e se torna um “espaço incerto”, um “objeto-sujeito”.

Logo, se há comunicação e interação entre o corpo e a consciência, se o corpo pode falar (tomada de consciência), mesmo que de maneira inconsciente, afirma o autor que é preciso amá-lo e ouvi-lo, deixar que ele se expresse e se comunique. É a partir disto que surge a “busca desenfreada de sua idiossincrasia, ou seja, o próprio narcisismo, esse agente de psicologização do corpo, esse instrumento de conquista da subjetividade do corpo por meio de todas as técnicas contemporâneas de expressão, concentração e relaxamento” (LIPOVETSKY 2005, p. 43).

Gilles Lipovetsky (2005) afirma que o intenso interesse que o sujeito tem pelo corpo não é de modo algum espontâneo e livre porque obedece a “imperativo sociais, tais como a “linha”, a “forma”, o organismo, etc.”. Diante disto, o narcisismo funciona concomitantemente como “operador de despadroneização” – na qual ele opera para que o corpo fique livre de tabus e “fardos arcaicos” – e “operador de padroneização” – agora livre de fardos e tabus, o corpo fica suscetível ao que a sociedade impõe, o narcisismo opera para que o corpo se encaixe nas regras sociais – apesar disto o narcisismo não se reconhece como tal, porém diante de mínimas exigências de personalização, ele se dobra, logo “a normalização pós-moderna se apresenta sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele mesmo, jovem esbelto, dinâmico” (LIPOVETSKY 2005, p. 44).

Para Boris e Cesídio (2007) os modos de linguagem, hábitos, costumes, padrões de comportamento e de valores, modelos de apreciação estética, a noção do feio e do bonito, principalmente no que remete ao corpo, são internalizados pelo sujeito durante a construção da sua subjetividade, e a família, a escola, os amigos, dentre outros, são responsáveis pela construção das regras sociais nas quais o indivíduo fica suscetível, como citou Lipovetsky. Porém, para os autores, a grande responsável pela criação e imposição de tais regras são os meios de comunicação, “o corpo, nos dias atuais, é pouco dotado de espontaneidade, de naturalidade e de erotismo, pois foi condicionado, ou seja, regulado pelos interesses da sociedade capitalista, que somente visa ao consumo e ao lucro” (BORIS E CESÍDIO, 2007, p. 468).

Boris e Cesídio (2007) ainda afirmam que

A mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando, cada vez mais, especialmente hoje em dia, a existência do sujeito, e atingindo, assim, a sua subjetividade por meio das suas mensagens. Ela usa as suas estratégias de “marketing” para criar desejos, anseios e angústias, a fim de que os sujeitos consumam o que ela lança no mercado. (BORIS E CESÍDIO, 2007, p. 463)

Lipovetsky (2005) então aponta que o narcisismo, através do cuidado permanente com o corpo para que este permaneça em um funcionamento perfeito, acaba tornando o corpo acessível a todas as experimentações, pois derruba todas as “resistências tradicionais”, então o corpo é entregue à “mobilidade social, pois, assim como a consciência, ele se torna um “espaço flutuante” que não tem um local fixo”.

Diante destas discussões, podemos perceber como o narcisismo está presente no cotidiano da sociedade como um todo, logo, o narcisismo também se faz presente naquilo que expressa e reflete a identidade da sociedade: a arte. Muitos artistas plásticos, produtores e escritores abordam a questão do narciso dentro de suas obras, de forma direta e indireta, através de histórias reais e fictícias, e que traz, por muitas vezes, uma crítica e uma reflexão a respeito de tal tema.

A literatura tem sido palco para discussões e reflexões das questões, dentre outras, que foram discutidas neste capítulo. Muitas obras literárias têm mostrado, através das narrativas, muitos dos perfis da psicologia humana, descrevendo indivíduos que representam e até se tornam a própria personificação das virtudes e imperfeições do ser humano. Deste modo, as narrativas e seus personagens tornam-se uma grande fonte de análise e discussão para diversas áreas de estudo, incluindo a psicologia, sociologia e a filosofia.

Dentre tantos autores brasileiros, Machado de Assis é um dos que se destaca por suas histórias que exploram os desejos e necessidades mais íntimas do ser humano, presenteando a arte literária brasileira com personagens de personalidades marcantes, e que traduzem as mais variadas condições psicológicas. Dentre o seu acervo de obras podem ser encontrados personagens que trazem discussão a respeito de paranoia, como o personagem Bentinho, em *Dom Casmurro* (1899); histórias sobre loucura e sanidade, como em *O Alienista* (1882); a busca por uma posição social privilegiada, como em *Teoria do Medalhão* (1881); e a própria teoria do narcisismo que pode ser encontrado no conto *O Espelho* (1882) e na personagem Camila do conto *Uma Senhora* (1884). Este último conto, que narra a trajetória de uma mulher de grande beleza e sensualidade aterrorizada com a velhice, será analisado e terá suas questões aprofundadas no capítulo seguinte.

3 EM BUSCA DA BELEZA E JUVENTUDE: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM CAMILA DO CONTO “UMA SENHORA” DE MACHADO DE ASSIS

3.1 LITERATURA BRASILEIRA: O REALISMO

Em meio a um momento conturbado na Europa da segunda metade do século XIX, no qual cresciam as revoltas sociais e a insatisfação política que eram influenciados pela ascensão das teorias sociais como o Nacionalismo e o Socialismo, surge um movimento literário que traduz o teor da época, e que se torna uma resposta ao Neoclassicismo artificial, e ao sentimentalismo que o Romantismo exacerbava.

Esta fase literária foi chamada de Realismo, pois, explica Bosi (2003, p. 185), existe um distanciamento da subjetividade do romantismo, o qual dar lugar a aceitação da realidade no nível ideológico, na “esfera de explicação do real, a certeza subjacente de um Fado irreversível cristaliza-se no determinismo (da raça, do meio, do temperamento...)”, e no nível estético no qual “o próprio ato de escrever é o reconhecimento implícito de uma faixa de liberdade”

Bosi (2003) afirma que a ficção o Realismo explora as práticas presentes na metade do século XIX e em todo o século XVIII, carregada de observações e análises, exibindo as infâmias da vida pública do personagem em contraste com a vida íntima. “O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento” (BOSI 2003, p. 187)

Na literatura Realista, conforme Vilarinho (2017), as personagens são figuras encontradas no cotidiano dos próprios autores, e elas seguem as suas obrigações sociais que estão condicionadas em virtude da sua classe e raça. Os perfis masculinos não são figuras heroicas, mas pessoas comuns que lutam para deixar sua condição medíocre, e ascender na sociedade. Já a figura da mulher, diferente do Romantismo, na qual eram vistas como dotadas de perfeição física e espiritual, se tornando intocáveis e puras, no Realismo não é idealizada e condiz mais com a realidade, ela é sensual, narcisista e cheia de desejos, e pode até tornar-se superficial e infiel.

Os espaços das narrativas tornam-se urbanos, o meio social passa a ser mais valorizado e temas como amor e casamento, que na fase literária anterior eram vistos como puro e motivo de alegria, passam a ser retratados como uma convenção social de aparência (VILARINHO, 2017). Além disto, na fase Realista os autores abandonam a preocupação

estética com a linguagem rebuscada, torna-a mais simples, abrangendo assim, um público maior.

No Realismo da Europa o francês Gustave Flaubert (1821-1880) se destaca por ter dado início a esta fase publicando a obra *Madame Bovary* (1856), que explora a burguesia da época na figura de uma mulher de classe média. No Brasil, dentre os nomes da literatura realista, se destacam Aluísio Azevedo (1857-1913) com a obra *O Mulato* (1881); Raul Pompéia (1863-1895) com *O Ateneu* (1888), porém ambos os autores e suas obras são considerados também autores do movimento Naturalismo; e Machado de Assis (1839-1908), com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).

Machado de Assis tem a sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como a precursora dos ideais Realistas, este romance psicológico, que conta a história de Brás Cubas, um defunto-autor que conta as suas experiências enquanto era vivo, foi um marco para o Realismo e para a carreira do autor.

3.2 A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS

Jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), que começou como aprendiz de tipógrafo, se tornou o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, considerado, assim, um dos maiores e mais respeitados escritores da literatura brasileira, e o principal nome do Realismo brasileiro. Apesar das mudanças que ocorreram na sociedade brasileira após a sua morte, a obra machadiana é tão atual quanto na época em que fora escrita, e temas como poder, dinheiro, corrupção, continuam bem presentes na sociedade brasileira, além da escravidão de diferentes formas e a humilhação sofrida e imposta pelo ser humano, que estão presentes em suas narrativas, continuam também fora delas (FREITAS, 2007).

Teve o seu primeiro trabalho literário publicado aos 16 anos, em 1855, na revista *Marmota Fluminense*, um poema intitulado *Ela*. Machado passa a trabalhar escrevendo para os jornais e revistas da época, então, em 1864, publica o seu primeiro livro de poesias sob o título de *Crisálidas*, e, em 1872, o seu primeiro romance, *Ressurreição*, é publicado. Muito ligado também ao teatro, Machado tem a sua primeira peça teatral *Tu só, tu, puro amor* (1880) encenada em junho de 1880, no Imperial Teatro Dom Pedro II.

Em início de carreira, Machado escreveu poesias, crônicas, contos e romances que se compunham de aspectos mais conservadores e com influência Romântica, porém, em 1881, publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma obra original e pouco convencional para a

época, marcando, juntamente com *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, o início de um novo período da literatura: o Realismo.

Com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o divisor de águas da sua carreira, Machado faz na literatura brasileira uma revolução formal e ideológica, ele aprofunda “o desprezo às idealizações românticas” e fere no “cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente” (BOSI 2003, p. 196)

Em sua fase realista, Machado, com uma escrita mais madura, abre o espaço para narrativas recheadas de análise psicológica das personagens, através de uma linguagem sempre carregada de ironia e humor ele explora as vontades, necessidades, falhas e qualidades do ser humano. Por tratar de aspectos da vida humana como a vaidade, a inveja, o egoísmo, a mentira, o adultério, o casamento, as suas obras tomam um caráter hodierno. Segundo Neto (2008)

Machado de Assis é nosso autor mais universal, pois compreendeu como poucos a triste comédia humana, em elaboradas lições de lucidez crítica. Em sua obra, a literatura ganha, entre nós, uma dimensão filosófica ainda insuperável, ultrapassando definitivamente o domínio das futilidades românticas. (p. 39)

Com a forma que escreve e os temas que escolhe para abordar em suas narrativas, as obras de Machado se tornam atemporais e passíveis de identificação, além de trazerem discussões profundas que rende diversos trabalhos de análise, como também múltiplas interpretações.

Apesar de conhecido por seus romances, Machado de Assis foi um grande contista, sendo alguns de seus contos considerados os mais destacados da nossa literatura, e o ser feminino nesse gênero também é muito presente. O conto foi para Machado como uma espécie de laboratório para “a experimentação e o exercício de padrões estilísticos que, mais tarde, seriam incorporados a sua identidade literária” (FREITAS, 2007), e mesmo após o êxito como um romancista ele continuou a publicar contos com mais frequência do que as suas narrativas longas. Machado de Assis contista aborda, como em seus romances, as vaidades, frustrações e os desejos, estes que nem sempre são coerentes com as regras sociais. Pereira (1988) afirma que Machado

Mostrou como as condições especiais da sociedade que aqui se formou no Império repercutiram sobre os elementos constitutivos da personalidade. Nas suas matronas e damas elegantes, nos seus homens ambiciosos, libertinos de corpo ou de espírito, nos seus agregados e parasitas de casas ricas [...]. (PEREIRA, 1988, p. 75)

Outra grande característica nas obras de Machado em seu período realista é a presença da mulher em suas narrativas, “onde parece que alcançou maior acerto do que na caracterização de figuras masculinas”. (BAGBY, 1991, p. 295). A figura feminina, nesta fase, tornou-se um ponto forte na escrita machadiana, e por isso o autor “é considerado um grande criador de personagens misteriosas, enigmáticas, dotadas de grande senso de percepção, capazes de manipular psicologicamente o mais astuto dos homens” (BAGNO, 1998).

Machado faz a descrição dessas personagens de maneira poética, mostrando-as como figuras sensuais, e, apesar de apresentar a personalidade feminina de perfil romântico, a visão do escritor sobre ela era de “um elemento social que maneja e comanda, sendo astuciosa e cerebral” (BERGAMINI, 2008, p. 2). Além disto, nas narrativas machadianas,

As mulheres atuam, geralmente, com uma habilidade e classe fora do comum. Presença forte, mas impiedosamente retratada, com algumas exceções. Embora as privilegie com a inteligência e a cultura que lhes atribui, com o destaque no jogo das ações, em geral sua pena acentua traços de mau caráter, de falta de firmeza, de dubiedade, frivolidade, interesse. (id. Ibid. p. 2)

Essa observação feita pela autora nos reporta a obra escrita por Machado intitulada *Uma Senhora*, obra esta que é o objeto de estudo desta pesquisa, que apesar de publicada em 1884 no volume de contos *Histórias sem Data*, aborda temas pertinentes à sociedade atual: o egoísmo, a inveja, a busca pela juventude eterna, e o Narcisismo.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO CONTO

Contar histórias é uma atividade comum no cotidiano do ser humano, que a todo o momento, independente da finalidade, está transmitindo algo que ocorreu, seja real ou não. Estas narrativas se configuram como: fábulas, casos, piadas, romances, contos, etc.; e por meio de diversos dispositivos, como televisão, internet, celular, rádio, etc., mas todos estes são pertencentes ao gênero narrativo.

Baseada em Aristóteles, Gancho (2006, p.7) afirma que os gêneros literários são identificados por sua forma e conteúdo. Quanto ao conteúdo, os gêneros são divididos em: *épico*, *lírico* e *dramático*. Gancho (ibid p. 8) conceitua o gênero *épico* como “o gênero narrativo ou de ficção que se estrutura sobre uma história”; enquanto o gênero *lírico* pertence à poesia lírica; e o gênero *dramático* pertencente ao gênero teatral, ou seja, o texto de teatro, que se subdivide em: tragédia, comédia e drama. As narrativas pertencem ao gênero *épico*, que recebe esse nome das epopeias, porém, por se distanciar, enquanto forma e conteúdo, das

epopeias clássicas, o gênero narrativo, aponta Gancho (ibid, p. 8), se classifica como um subgrupo do gênero épico.

Quanto à forma, o gênero se divide em *verso* e *prosa*: enquanto o verso, presente na poesia, se caracteriza pela “musicalidade da linguagem”, a prosa é caracterizada pelo “desencadeamento lógico” (GANCHO, ibid, p. 7). Apesar de os gêneros literários se dividirem em duas formas, este trabalho se deterá apenas a forma do texto em *prosa* em detrimento do objeto de análise.

Em uma breve explicação, a Prosa tem como característica a abordagem da realidade em uma linguagem objetiva, simples, pouco ambígua e discorrida de forma contínua. O texto em prosa apresenta análise, narração, e utilização de uma linha de tempo como embasamento, enquanto sua forma é marcada pela divisão do texto entre parágrafos, diferente da poesia, que se divide em versos.

Dentre as narrativas em Prosa, o romance, a novela, a crônica e o conto são as mais utilizadas na literatura. Para Gancho (2006, p. 9) o romance se caracteriza por ser uma narrativa longa que, em comparação a outras narrativas, possui uma quantidade maior de personagens e conflitos, e o tempo e espaço serem mais dilatados; a novela é um romance mais curto. Em relação ao romance, podendo ter a mesma quantidade de personagens, espaços e conflitos, porém na novela o tempo é mais veloz; Já a crônica é um texto curto e leve, que apresenta situações do cotidiano, entretanto, este gênero nem sempre apresenta uma narrativa completa, pois é considerado um texto híbrido, podendo ter a função de contar, descrever, analisar ou comentar; o conto também se caracteriza como um texto mais curto, quando comparado ao romance e a novela, mas a sua característica central, aponta Gancho (2006, p.9), é “condensar o conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens”.

A obra, já mencionada, *Uma Senhora*, pertence ao gênero narrativo Conto, e se encontra no livro de Machado de Assis intitulado *Histórias Sem Data*, um compilado de 18 contos que foram publicados em periódicos cariocas ao longo de 1883, o livro, porém, publicado em 1884. Apesar de parecer autoexplicativo, Machado acha importante justificar o título do livro em forma de uma “advertência”;

De todos os contos que aqui se acham há dous que efetivamente não levam datas expressas; os outros a têm, de maneira que este título Histórias sem Data parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação. (ASSIS, 1884, s/n)

Assim, podemos perceber que, apesar de apenas dois contos não terem uma data específica, Machado deixa que claro que quando se refere a “histórias sem data” ele não trata de uma data cronológica, mas que as suas histórias, em sua essência, ultrapassam as barreiras do espaço e do tempo, tornando-se assim histórias universais.

As histórias narradas neste livro compõem-se de uma profunda sondagem da alma humana e exploração do perfil feminino, como acontece em *Uma Senhora*, que aborda um tema que, há séculos rodeia mulheres e homens, dentro e fora da ficção, e que ainda é tão presente na sociedade contemporânea: a busca pela beleza e juventude eterna. O narrador expõe, de forma onipresente, as ansiedades e artimanhas de quem almeja eternizar a sua juventude, e os conflitos internos e externos que essa odisseia ocasiona.

3.4 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS SOBRE “UMA SENHORA” (1884)

Em *Uma Senhora*, Machado de Assis constrói uma narrativa que nos apresenta a personagem D. Camila, uma mulher de família, casada e com uma filha. Segundo o narrador, Camila tem 36 anos, mas com aparência de 32, ela exala sensualidade e juventude, e por ter conhecimento de suas virtudes físicas sempre afirmava ter apenas 29 anos. Na tentativa de permanecer com estes atributos, D. Camila faz de tudo para que o tempo não passe para si, ela então, se esforça para retardar o envelhecimento de sua filha, Ernestina, vestindo-a com roupas mais infantis, e incentivando-a a brincar com crianças, ignorando o fato de ela já ser uma adolescente, pois para ela Ernestina era como um lembrete de seu envelhecimento.

Seguindo o curso da vida, como se deve ser, Ernestina cresce e os pretendentes aparecem. Mas, com um zelo questionável, D. Camila coloca defeitos nos rapazes, com a desculpa de querer que a filha tenha um casamento como o dela. Apesar de ter uma cor de cabelo impecável, o primeiro fio branco aparece na cabeça da personagem, que a leva a arrancá-lo, como também em uma segunda vez. Quando na terceira aparição do fio branco, coincidentemente, um novo pretendente aparece para sua filha. Sem mais motivos para impedir o casamento, ela cede e aceita o genro, então Ernestina casa-se e não muito tempo depois engravida, levando D. Camila refletir a respeito de sua imagem enquanto avó.

Apesar de relutante com a relação de avó e neto, a personagem passa a ficar mais tempo com ele, e, saindo para passear diversas vezes, era sempre vista em companhia de uma cuidadora que carregava a criança, porém em todo tempo demonstrava excessivo cuidado com a criança, o que deixava transparecer que era a mãe, e não a avó do bebê.

Ao ver o título do conto, o leitor pode ser induzido a ter em sua mente a imagem de uma personagem idosa, podendo chegar ao nível do clichê de uma mulher de cabelos brancos, pele enrugada e de aparência doce e frágil, porém, ao realizar a leitura da narrativa, o leitor se depara com uma figura oposta àquilo que lhe veio à mente. Isto leva ao público uma reflexão sobre a ironia do autor ao chamar de “senhora” uma mulher que se preocupa com a sua aparência e deseja se mostrar cada vez mais jovem.

Porém, ao ter conhecimento sobre os demais significados do termo “senhora”, a ideia de uma personagem idosa pode se esvaír, pois este tratamento também faz referencia a uma mulher de grande poder e que pode exercer influencia sobre as pessoas, como também, se utilizado como um adjetivo, pode significar perfeição e excelência.²

Dentro da narrativa também se vê a importância dos nomes das personagens, pois apenas as duas principais – mãe e filha – e um pretendente, ganham nomes, diferente dos maridos delas e dos outros pretendentes da filha. A personagem principal ganha o nome de Camila, que em sua origem advém do nome em latim: *Camillus*, que era um nome dado aos jovens sacerdotes que serviam os participantes no dia de sacrifício das religiões pagãs da cultura romana. A relação entre este significado do nome e a personagem pode ser vista na seguinte citação do narrador: “Não se desconsolle, D. Camila. No dia da lagartixa, a senhora será Hebe, deusa da juventude; a senhora nos dará a beber o néctar da perenidade com as suas mãos eternamente moças” (ASSIS, 1884, p. 147), que ao mencionar que ela “nos dará de beber”, ou seja, ela irá servir, ele a coloca como uma sacerdotisa.

Existe outra concepção que afirma que o nome Camila teria surgido como um apelido para a flor Camélia, esta é conhecida por sua grandiosa beleza e por ser uma flor forte e duradoura, o seu arbusto mantém as suas folhas verdes durante todo o ano e a sua flor pode durar bastante tempo depois de colhida.³ Esta significação pode ser relacionada ao fato de a personagem ter chegado, com muita beleza e vigor, a uma idade que, em sua época, muitas mulheres eram consideradas velhas. Por fim, outra concepção afirma que Camila teria surgido como uma variação do nome *Kamilah*, que é um nome árabe e egípcio e que significa “perfeição”, como a personagem pode ser considerada, a partir das características dadas pelo narrador.⁴

²**Significado de Senhora.** *Dicionário Online de Português.* Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/senhora/>> Acesso em: 11 de março de 2017

³**Camélia.** *Jardim de flores.* Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/floresefolhas/camelia.html>> Acesso em: 11 de março de 2017.

⁴**Significado do Nome Camila.** *Dicionário de nomes próprios.* Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/camila/>> Acesso em: 11 de março de 2017.

O segundo nome que surge na história é o da filha da personagem: a Ernestina. Este nome é uma variação feminina do nome Ernesto, que tem sua origem Celta, Alemã e Anglo-Saxã, e como em sua versão masculina, o nome Ernestina significa “aquela que combate” ou “combatente forte”.⁵ Ao acompanhar a narrativa, o leitor, a partir do conhecimento do significado do nome, pode ver a filha como aquela que a todo o momento combate a juventude de sua mãe, e isso pode ser visto na seguinte citação: “— Mamãe, mamãe, dizia-lhe a filha crescendo, vamos embora, não podemos ficar aqui toda a vida” (ASSIS, 1884, p.148), como vemos também e outra citação:

Restava um recurso: espiar-lhe o primeiro cabelo branco, um fiozinho de nada, mas branco. Em vão espiavam; o demônio do cabelo parecia cada vez mais negro. Nisto enganavam-se. O fio branco estava ali; era a filha de D. Camila que entrava nos dezenove anos, e, por mal de pecados, bonita. (ASSIS, 1884, p. 150)

Observando toda a saga de D. Camila, a sua filha Ernestina pode até ser considerada como a antagonista da história, pois está tentando a todo o tempo fracassar com os planos da mãe de permanecer em sua juventude, apesar de não fazê-lo de maneira direta ou porque quer, mas fazê-lo por significar para Mãe a representação da passagem do Tempo, apontando que se ela envelhece, conseqüentemente, a protagonista também envelhece.

O terceiro personagem a ser nomeado é o primeiro namorado de Ernestina, Ribeiro, este nome significa “riacho” ou “passagem de rio”.⁶ O surgimento deste personagem causa em D. Camila um alvoroço interno, pois o namoro de Ernestina mostra que cada vez mais o tempo passa, e isso significa também que o seu tempo está passando, logo, pode-se perceber que este personagem, como também os outros pretendentes, é mais uma simbologia para mostrar a D. Camila que o rio do tempo está correndo e a velhice está chegando. A escolha do nome “Ribeiro” e sua simbologia estão associadas ao fato de o autor tratar a passagem dos dias como um rio, como na seguinte citação:

Nenhum defeito, pois, exceto o de retardar os anos; mas é isso um defeito? Há, não me lembra em que página da Escritura, naturalmente nos Profetas, uma comparação dos dias com as águas de um rio que não voltam mais. D. Camila queria fazer uma represa para seu uso (ASSIS, 1884, p. 149)

⁵**Nomes.** *Origem dos nomes.* Disponível em: <<http://www.iremar.com.br/nomes/?q=Ernestina>> Acesso em: 11 de março de 2017.

⁶ **Significado do Nome Ribeiro.** *Dicionário de nomes próprios.* Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ribeiro/>> Acesso em: 11 de março de 2017

Todavia, o marido de D. Camila, os outros pretendentes, o marido de Ernestina, e a referida “preta”, a babá do filho de Ernestina, são personagens secundários, sem envolvimento nos conflitos, e alheios a eles.

A narração do conto está em terceira pessoa, desta forma, o narrador está posicionado fora dos fatos, sendo assim, narrador observador, por isso há na narrativa os desejos e conflitos internos da protagonista, pois a característica deste narrador é a onipresença e a onisciência.

O tempo e o ambiente no qual a história se passa não são mostrados explicitamente durante a narração, entretanto em um determinado momento o narrador expõe o local em que provavelmente a família mora na seguinte citação: “Era de manhã. D. Camila estava ao espelho, a janela aberta, a chácara verde e sonora de cigarras e passarinhos. Ela sentia em si a harmonia que a ligava às coisas externas” (ASSIS, 1884, p. 155). Podemos perceber que a narrativa se passa em um ambiente rural. Contudo, apesar da indicação de que a casa da família é uma chácara, alguns fatos mostram que a família é de classe média alta e presente na sociedade, pois D. Camila tem amigas, é notada e invejada por outras damas, participam de bailes. Além disto, os pretendentes de Ernestina são de uma boa posição na sociedade, como o primeiro namorado que se mudou para o exterior e era um provável herdeiro de uma tia, e outro namorado que era um advogado.

Na seguinte citação “Tu, psicólogo sutil, podes imaginar que ela queria convencer-se a si mesma; eu prefiro contar o que lhe aconteceu em 186...” (ASSIS, 1884, p. 155), o autor expõe o tempo em que o conto se passa: o século XIX. Apesar de o narrador não estabelecer um ano específico para a trama que narra, o leitor pode ser convencido através de evidências deixadas ao longo da narrativa, como a ida a bailes, bastante comuns nesta época, e o fato de a empregada, babá da criança, ser uma negra. Através de uma narração em tempo cronológico, no qual a personagem inicia o conto com 36 anos e o encerra com 43, pode-se perceber que a história escrita por Machado tem a duração de 7 anos.

Após a leitura do conto *Uma Senhora*, o leitor pode identificar que a mensagem passada pela narrativa é que não importa o quanto uma pessoa ame a si e não importa o que faça para manter a sua beleza e juventude, o seu narcisismo não consegue enganar o tempo, logo a velhice chega e o ideal de beleza física padronizado socialmente, esmaece. O tema que permeia este conto – o narcisismo – é ainda um tema presente na sociedade do século XXI, e, assim como o assunto tratado nesta história, a sociedade contemporânea é o espelho e está repleta de “D. Camilas”, pessoas narcisistas, que amam a si e que estão sempre em busca da perfeição física, e de retardarem a velhice. Por isso é necessário olhar também o conto pela

perspectiva do filósofo Gilles Lipovetsky, um teórico da contemporaneidade que explora as intenções do sujeito que passa a hiperinvestir em si e as consequências desse narcisismo.

3.5 D. CAMILA CONTRA O TEMPO: A BUSCA PELA JUVENTUDE ETERNA

“O corpo é um templo”, é o que afirma muitas religiões e concepções filosóficas. Para Gilles Lipovetsky (2005), no narcisismo, o corpo se torna um objeto de culto, pois a todo o momento está rodeado de cortejos e cuidados, a angústia das rugas e da velhice coopera para que esse hiperinvestimento em si se intensifique. Nessa mesma linha de pensamento, a historiadora Mary Del Priori (2001, p. 21) afirma que o “corpo é a efígie do desejo moderno, desejo derrisório de uma perpétua troca das peças que envelhecem—, de nádegas a coxas e panturrilhas”. Ou seja, o corpo anteriormente era a morada da “entidade” a ser preservada, o eu interior, porém, seguindo a linha de pensamento citada, o corpo transforma-se na própria “entidade”, e se torna o alvo da devoção humana.

Isto ocorre porque, segundo Lipovetsky (2007), no estado narcisístico ocorre a transferência de investimento do “espaço público”, no que concerne aos interesses coletivos da sociedade, para “espaço privado”, no qual há o hiperinvestimento do sujeito em si próprio para “cuidar da saúde, preservar a própria condição material” e “desembaraçar-se dos “complexos”. O autor ressalta que

O narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. (LIPOVETSKY, 2005 p. 32)

Além disto, para o filósofo, “viver o presente” passa a ser o lema dessa geração que vive para si sem se importar com os costumes de seus antepassados, e sem se preocupar com a posteridade. O *Carpe Diem*⁷ se propaga através de anúncios de produtos, dos filmes que são lançados, das músicas que tocam em todas as plataformas multimídias, etc., que incentivam o sujeito a realizar os seus sonhos e desejos sem pudores, sem se preocupar com o amanhã, e sem deixar que as responsabilidades da vida adulta e as marcas que o tempo deixa no corpo impeçam a continuidade do estado de juventude infinita.

Da mesma forma, afirma Lasch (1983), o sentido de continuidade histórica se perde quando o mais importante para o indivíduo é a si mesmo, pois, em conformidade com

⁷A tradução literal da expressão latina *Carpe Diem* é “aproveite o dia”, mas o significado gira em torno do sentido de aproveitar ao máximo o agora, contemplar o presente como se não houvesse amanhã.

Lipovetsky, o mais importante para o indivíduo é cuidar do seu presente para que o seu Eu se prolongue.

No conto em análise, em vários momentos, a personagem Camila é apresentada como um verdadeiro objeto cultuado por si e pelos outros. No seguinte trecho, o narrador a compara com a deusa da juventude eterna, Hebe: “Não se desconsolle, D. Camila. No dia da lagartixa, a senhora será Hebe, deusa da juventude; a senhora nos dará a beber o néctar da perenidade com as suas mãos eternamente moças” (ASSIS, 1884, p. 147). Baseado na mitologia Greco-romana, Franchini e Seganfredo (2007) explicam que Hebe, filha da deusa Juno e do deus Júpiter (no grego: Hera e Zeus), era considerada a encarnação da juventude e estava encarregada de servir ambrósia aos deuses, a qual os mantinha jovens e imortais.

Em um segundo trecho, o autor compara os braços da personagem com os braços perdidos da estátua da deusa, Vênus (Afrodite): “Tinha as espáduas e o colo feitos de encomenda para os vestidos decotados, e assim também os braços, que eu não digo que eram os da Vênus de Milo, para evitar uma vulgaridade, mas provavelmente não eram outros”(ASSIS, 1884, p. 149).

Ao comparar a personagem com deusas greco-romanas que eram adoradas pelo povo, o autor mostra que a imagem de Camila, por sua beleza, também era cultuada por quem a via, e este fato se confirma quando o narrador faz referência à idade da personagem como uma casa com anfitriões, e estes anfitriões a veneram e anseiam pela sua permanência na determinada idade, no seguinte trecho:

A primeira vez que a vi, tinha ela trinta e seis anos, posto só parecesse trinta e dois, e não passasse da casa dos vinte e nove. Casa é um modo de dizer. Não há castelo mais vasto do que a vivenda destes bons amigos, nem tratamento mais obsequioso do que o que eles sabem dar às suas hóspedes. Cada vez que D. Camila queria ir-se embora, eles pediam lhe muito que ficasse, e ela ficava. Vinham então novos folguedos, cavalhadas, música, dança, uma sucessão de coisas belas, inventadas com o único fim de impedir que esta senhora seguisse o seu caminho. (ASSIS, 1884, p. 147)

O narrador afirma que ela era invejada por outras mulheres quando diz: “D. Camila sabia disto; sabia que era bonita, não só porque lho dizia o olhar sorrateiro das outras damas, como por certo instinto que a beleza possui, como o talento e o gênio” (ASSIS, 1884, p. 149), ou seja, a beleza e juventude de Camila também eram invejadas, o que pode ser configurado como um culto a sua imagem.

Apesar dessa história se passar em um século no qual os meios midiáticos como a televisão, o rádio e a internet ainda não existiam, a influência externa vinda da sociedade já se

fazia presente, e isto é apontado no seguinte trecho: “Dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo?” (ASSIS, 1884, p. 150). Esta influência advinda da sociedade está diretamente ligada com o desenvolvimento do narcisismo, pois, segundo Nasio (1997), a criança sai do narcisismo primário porque se depara com a influência externa, ou seja, ela vê o seu Eu real comparado a um Eu ideal que lhe é imposto de fora, pela sociedade, como a face da perfeição.

Por outro lado, durante o desenvolvimento da subjetividade humana são incorporados “modos de linguagem, hábitos e costumes e padrões de comportamento e de valores, inclusive modelos de apreciação estética, isto é, do que é belo ou feio, principalmente com relação ao corpo” (BORIS E CESÍDIO, 2007. P. 463), sendo a mídia a grande responsável por esta imposição de padrões estéticos e morais através de estratégia de marketing que cria no indivíduo desejos e angústias em relação à própria imagem. Como também a família, através da imposição de regras e da alta carga de expectativa que os pais lançam sobre os filhos. Temos também a escola, com normas de comportamento e o *bullying*⁸, que reforçam os padrões lançados pela mídia, recriminando aqueles que não estão encaixados nestes padrões. Assim, a criança passa a ficar submetida às exigências do mundo que a cerca, tendo a necessidade de se encaixar em um padrão determinado e caso tente ser um sujeito diferenciado vai ser marginalizado, pois, segundo Foucault (1987, p. 163), “em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Para Foucault (ibid) este interesse iminente de investir no corpo não é recente, mas já existia durante a época clássica, em meados do século XVIII, quando foi descoberta a noção de corpo como um objeto e alvo de poder, isto é, um objeto para exercer a dominação e um objeto a ser dominado. Para o autor, o “conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares” tem um papel importante no “adestramento” do corpo, além dos “processos empíricos e refletidos” que são utilizados para “controlar ou corrigir as operações do corpo”, mostrando, desta forma, a noção de “docilidade”, a noção do “corpo dócil”, e, segundo Foucault (1987, p. 163), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

⁸ **Bullying** é uma palavra de origem inglesa que significa “intimidação”. O termo é uma derivação de **bully** que, por sua vez, significa “valentão”. Bullying ficou conhecida, então, como as formas de atitudes agressivas – sejam elas verbais ou físicas – que acontecem sem aparente razão ou motivação clara.

Porém, para Foucault (1987), nas novas formas de dominação sobre o corpo, as técnicas utilizadas não tratam mais de cuidar do corpo em massa, como um todo, mas de trabalhá-lo detalhadamente, esta nova modalidade

Implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. (p. 164)

Ele ainda explica que

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. (p. 164)

Logo, todas as formas de disciplina são formas de dominação sobre o corpo. O momento histórico da disciplina visa “a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil”. Então, quando disciplinado, “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”, portanto, a disciplina “fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”” (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Retomando a corrente de Lipovetsky (2007), ele afirma que existe uma “representação social do corpo” e que, assim como Camila vivia “com os olhos na opinião”, o crescente interesse de investir no corpo não é algo espontâneo, mas advém de “imperativos sociais”, regras de beleza que a sociedade expõe.

A descrição da personagem pelo narrador coloca D. Camila dentro do padrão presente também na sociedade contemporânea:

Ela era, porém, daquela casta de mulheres que riem do sol e dos almanaques. Cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir. Cabelo negro, olhos castanhos e cálidos. Tinha as espáduas e o colo feitos de encomenda para os vestidos decotados, e assim também os braços, que eu não digo que eram os da Vênus de Milo, para evitar uma vulgaridade, mas provavelmente não eram outros. (ASSIS, 1884, p. 149)

As suas características invejáveis são de uma mulher branca, de cabelos negros, magra e jovem, características estas que se podem ver em anúncios, revistas, filmes, etc., ainda como a representação de um padrão de beleza, que, segundo Lipovetsky (2007), “cria” o narcisista através da busca incessante por este padrão, pois o narcisismo opera concomitantemente como “operador de despadroneamento” – na qual ele opera para que o corpo fique livre de tabus e “fardos arcaicos”, velhas regras sociais – e “operador de padronização” – pois agora, livre de

fardos e tabus, o corpo fica suscetível ao que a sociedade impõe –, então no estado narcísico o corpo procura se encaixar nas regras sociais.

Soares (2004) também reafirma que a necessidade do indivíduo de modificar o seu corpo para encaixar-se advém de normas impostas por fatores externos:

Dos corpos são retirados e acrescentados elementos que apresentem desvios, excesso, falta... Ato de extração ou de acréscimo em relação ao corpo remetem-no a determinados códigos e o submetem a normas que são internalizadas por um meticuloso processo de educação. (SOARES 2004, p. 109)

“Vivemos hoje a supremacia da aparência” é o que afirma Mary Del Priori (2001, p. 20). Para a historiadora a “tirania” do físico perfeito ainda encontra-se instaurada na vida cotidiana do indivíduo moderno, e o seu reflexo na fotografia, no filme, na televisão e no espelho das academias dão a ele “o conhecimento objetivo de sua própria imagem, mas também a forma subjetiva que ele deve ter aos olhos de seus semelhantes”(DEL PRIORI, 2001, p. 20).

Para Del Priori (2001) a importação da imagem da beleza perfeita reforça essa tirania, pois os defeitos, que anteriormente eram o charme do indivíduo, passam a ser apagados, e, conseqüentemente, há uma uniformidade na aparência, assim, ameaçando de extinção a beleza mestiça que individualiza cada sujeito, logo, “nossa sociedade não valoriza a identidade, mas a identificação” (DEL PRIORI 2001, p. 22).

No conto machadiano, apesar de parecer fisicamente impecável, a personagem D. Camila via na sua filha a representação de seu envelhecimento. A relação entre elas, a princípio, parece ser uma relação comum de mãe e filha, porém, por ter acesso aos pensamentos e desejos íntimos de Camila, o leitor pode ver que essa relação, não é de total sinceridade. Há por parte da Mãe certos interesses escusos e inveja da beleza juvenil de Ernestina. No seguinte trecho o narrador expõe isto:

O fio branco estava ali; era a filha de D. Camila que entrava nos dezenove anos, e, por mal de pecados, bonita. D. Camila prolongou, quanto pôde, os vestidos adolescentes da filha, conservou-a no colégio até tarde, fez tudo para proclamá-la criança. A natureza, porém, que não é só imoral, mas também ilógica, enquanto sofrea os anos de uma, afrouxava a rédea aos da outra, e Ernestina, moça feita, entrou radiante no primeiro baile. Foi uma revelação. D. Camila adorava a filha; saboreou-lhe a glória a tragos demorados. No fundo do copo achou a gota amarga e fez uma careta. Chegou a pensar na abdicação; mas um grande pródigo de frases feitas disse-lhe que ela parecia a irmã mais velha da filha, e o projeto desfez-se. Foi dessa noite em diante que D. Camila entrou a dizer a todos que casara muito criança. (ASSIS, 1884, p. 150)

Lipovetsky (2005) aponta que no narcisismo o Eu se torna o centro de todas as atenções, e o alvo de todos os investimentos, então ao ver que a sua filha está iniciando a sua entrada na sociedade, e por sua beleza, se tornando o centro das atenções, D. Camila fica angustiada, e até cogita desistir de seu estado narcísico. Entretanto, ao tornar-se novamente o centro das atenções com elogios, ela retorna ao seu completo estado de Narciso. A inveja fica mais explícita quando os primeiros sinais de velhice chegam a D. Camila, e a sua filha está cada vez mais bonita:

D. Camila teve um sobressalto de pudor, e instintivamente voltou para a filha o lado que não tinha o fio branco. Nunca a achou tão graciosa e lépida. Fitou-a com saudade. Fitou-a também com inveja, e, para abafar este sentimento mau, pegou no bilhete do camarote. (ASSIS, 1884, p. 156)

Além da inveja suprimida que D. Camila sentia por sua filha Ernestina, o interesse também entra em jogo na relação entre mãe e filha:

Para consolar a filha, levou-a a passear a toda parte. Eram ambas bonitas, e Ernestina tinha a frescura dos anos; mas a beleza da mãe era mais perfeita, e apesar dos anos, superava a da filha. Não vamos ao ponto de crer que o sentimento da superioridade é que animava D. Camila a prolongar e repetir os passeios. Não: o amor materno, só por si, explica tudo. Mas concedamos que animasse um pouco. Que mal há nisso? Que mal há em que um bravo coronel defenda nobremente a pátria, e as suas dragonas? Nem por isso acaba o amor da pátria e o amor das mães. (ASSIS, 1884, p. 153)

Camila conhecia as suas qualidades físicas, e também sabia que a sua beleza excedia o da sua filha, então passa a sair com Ernestina diversas vezes para se destacar e assim ser apreciada, desta forma, a personagem transforma os seus passeios com sua filha em um momento de exibição de sua beleza. Podemos analisar essa atitude da personagem a partir do que Lipovetsky (2007) descreve sobre os interesses que atravessam uma figura narcísica. Para o filósofo, o Narciso pode se tornar incapaz de assumir certos papéis sociais, e as suas relações podem se tornar de puro interesse. Neste sentido, os indivíduos podem ser cooperativos e até sociáveis, mas apenas por aparência, pois dessa forma eles exploram os sentimentos alheios em satisfação de seu próprio interesse. Isso é o que faz D. Camila, apesar de até existir um sentimento verdadeiro de tentar consolar a filha que está triste levando-a para passeios, ao final se torna interesse de se exibir ao lado da filha por ser aparentemente mais bela e chamar mais a atenção.

Lipovetsky (2007, p. 33) aponta também que o lema do Narciso é “viver o presente”, ou seja, o sentido da continuidade histórica e o interesse pelas gerações futuras foram perdidos,

pois o Narciso vive para si e vê a necessidade de proteger o presente quando “o futuro parece ameaçador e incerto”. Quando Ernestina tem o seu primeiro namorado, o futuro de Camila se torna incerto, pois ela sabe que o casamento é um passo em direção ao futuro da filha, e a consequência é uma criança, ela pode se tornar avó:

Um dia, poucos meses depois, apontou no horizonte o primeiro namorado. D. Camila pensara vagamente nessa calamidade, sem encará-la, sem aparelhar-se para a defesa. Quando menos esperava, achou um pretendente à porta. Interrogou a filha; descobriu-lhe um alvoroço indefinível, a inclinação dos vinte anos, e ficou prostrada. Casá-la era o menos; mas, se os seres são como as águas da Escritura, que não voltam mais, é porque atrás deles vêm outros, como atrás das águas outras águas; e, para definir essas ondas sucessivas é que os homens inventaram este nome de netos. D. Camila viu iminente o primeiro neto, e determinou adiá-lo. Está claro que não formulou a resolução, como não formulara a idéia do perigo. A alma entende-se a si mesma; uma sensação vale um raciocínio. As que ela teve foram rápidas, obscuras, no mais íntimo do seu ser, donde não as extraiu para não ser obrigada a encará-las. (ASSIS, 1884, p. 151)

Apesar do amor por Ernestina, o amor por sua própria beleza e graciosidade e o medo do futuro se sobrepõem ao amor maternal, então Camila passa a tentar sabotar os relacionamentos da filha. Para a personagem a descendência pouco importa se isto significa o fim de sua juventude.

Lipovetsky (2007, p. 43) afirma que a máxima do Narciso é “permanecer jovem, não envelhecer”, é necessário “ganhar a luta contra o tempo”, combater a “adversidade temporal”. Para o filósofo, a reciclagem do corpo se torna um imperativo em uma era narcisística, é necessário que a todo o momento o indivíduo esteja elaborando práticas para que a manutenção do seu corpo, pois “a decrepitude física tornou-se uma torpeza” (LIPOVETSKY, 2007, p. 42).

Apesar do intenso desejo pela juventude eterna, o tempo passa para D. Camila, e os primeiros sinais de velhice a acompanha. D. Camila é atingida pela angústia e o medo quando o primeiro fio de cabelo branco aparece, e mesmo tentando combatê-lo arrancando-o fora, por outras vezes ele reaparece. Juntamente com os fios brancos vem o casamento de Ernestina, e, conseqüentemente, um filho, o primeiro neto de Camila.

Era de manhã. D. Camila estava ao espelho, a janela aberta, a chácara verde e sonora de cigarras e passarinhos. Ela sentia em si a harmonia que a ligava às coisas externas. Só a beleza intelectual é independente e superior. A beleza física é irmã da paisagem. D. Camila saboreava essa fraternidade íntima, secreta, um sentimento de identidade, uma recordação da vida anterior no mesmo útero divino. Nenhuma lembrança desagradável, nenhuma ocorrência vinha turvar essa expansão misteriosa. Ao contrário, tudo parecia embê-la de eternidade, e os quarenta e dois anos em que ia não lhe pesavam mais do que outras tantas folhas de rosa. Olhava para fora, olhava para o espelho. De repente, como se lhe surdisse uma cobra, recuou aterrada. Tinha visto, sobre a fonte esquerda, um cabelinho branco. Ainda cuidou que fosse

do marido; mas reconheceu depressa que não, que era dela mesma, um telegrama da velhice, que aí vinha a marchas forçadas. O primeiro sentimento foi de prostração. D. Camila sentiu faltar-lhe tudo, tudo, viu-se encanecida e acabada no fim de uma semana. (ASSIS, 1884, p. 155)

Neste mesmo trecho está o momento mais revelador do narcisismo da personagem. Isso se revela claramente quando Camila percebe que os primeiros sinais de “perda” da juventude chegam, e o que antes era um narcisismo encoberto e disfarçado por sentimentos maternos, o seguinte momento, que para muitos é um momento trivial, para Camila torna-se um momento de angústia e decadência, o que explicita este seu estado narcísico. Para C. Lasch (*apud* LIPOVETSKY, 2007, p. 42) o medo da velhice e da morte faz parte do narcisismo, e o desinteresse pela geração futura intensifica essa angústia, e, segundo ele, “a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a permanente necessidade de ser valorizado, admirado pela beleza, pelo charme e pela celebridade tornam intolerável a perspectiva do envelhecimento”.

Púrpura supõe dinastia. Dinastia exige netos. Restava que o Senhor abençoasse a união, e ele abençoou-a, no ano seguinte. D. Camila acostumara-se à idéia; mas era tão penoso abdicar, que ela aguardava o neto com amor e repugnância. Esse importuno embrião, curioso da vida e pretensioso, era necessário na terra? Evidentemente, não; mas apareceu um dia, com as flores de setembro. Durante a crise, D. Camila só teve de pensar na filha; depois da crise, pensou na filha e no neto. Só dias depois é que pôde pensar em si mesma. Enfim, avó. Não havia que duvidar; era avó. Nem as feições que eram ainda concertadas, nem os cabelos, que eram pretos (salvo meia dúzia de fios escondidos), podiam por si sós denunciar a realidade; mas a realidade existia; ela era, enfim, avó. (ASSIS, 1884, p. 158)

Apesar da repugnância com a ideia de ser avó, ideia que comumente representa a imagem da velhice, D. Camila passa a enxergar a criança como uma nova estratégia para a continuação de sua identidade jovem, então o que antes seria a ruína de sua imagem, passa a ser o seu triunfo.

Quis recolher-se; e para ter o neto mais perto de si, chamou a filha para casa. Mas a casa não era um mosteiro, e as ruas e os jornais com os seus mil rumores acordavam nela os ecos de outro tempo. D. Camila rasgou o ato de abdicação e tornou ao tumulto. Um dia, encontrei-a ao lado de uma preta, que levava ao colo uma criança de cinco a seis meses. D. Camila segurava na mão o chapelinho de sol aberto para cobrir a criança. Encontrei-a oito dias depois, com a mesma criança, a mesma preta e o mesmo chapéu de sol. Vinte dias depois, e trinta dias mais tarde, tornei a vê-la, entrando para o *Bond* com a preta e a criança. — Você já deu de mamar? Dizia ela à preta. Olhe o sol. Não vá cair. Não aperte muito o menino. Acordou? Não mexa com ele. Cubra a carinha, etc., etc. (ASSIS, 1884, p. 159)

A personagem acaba por tomar o seu posto como avó, entretanto como uma forma de renovação da sua imagem, então Camila assume uma posição muito cuidadosa e próxima da criança o que leva a seguinte afirmação do narrador:

Era o neto. Ela, porém, ia tão apertadinha, tão cuidadosa da criança, tão a miúdo, tão sem outra senhora, que antes parecia mãe do que avó; e muita gente pensava que era mãe. Que tal fosse a intenção de D. Camila não o juro eu. ("Não jurarás", Mateus, V, 34). Tão-somente digo que nenhuma outra mãe seria mais desvelada do que D. Camila com o neto; atribuírem-lhe um simples filho era a coisa mais verossímil do mundo.(ASSIS, 1884, p. 159)

Esta observação do narrador leva o leitor a entender que, assim como por muitas vezes com sua filha, a relação entre D. Camila e seu neto é de interesse, pois ao sair com a criança, a sua beleza e aparente juventude engana quem os vê, dando a entender que ela é ainda mais jovem, e passear demasiadamente com a criança é expor-se para a sociedade, e desta forma tornar-se o centro das atenções. Assim, mais uma vez evidencia-se a questão apontada por Lipovetsky (2007) no qual o narciso é incapaz de representar papéis sociais de forma honesta, pois por trás da sociabilidade aparente, sempre há um interesse que explora o sentimento do outro.

Por fim, a semelhança entre os conflitos da personagem do conto e a sociedade narcísica contemporânea nos mostra que os dramas vivenciados por Camila, a angústia e o medo do envelhecimento do corpo, apesar de serem apresentados em uma sociedade do século XIX, continuam constituindo os mesmos dilemas dos sujeitos da contemporaneidade. Da mesma forma que a personagem do conto, o sujeito contemporâneo de Lipovetsky busca, no decorrer de sua vida, estratégias para retardar seu envelhecimento, criando técnicas para tentar disfarçar e afugentar os sinais da idade.

Se livrar dos excessos e de tudo aquilo que possa trazer degradação a sua aparência torna-se o alvo desta sociedade, transformando assim, o corpo em um verdadeiro objeto de culto, que merece ser amado e cuidado, ou seja, o seu bem-estar é prioridade. Entretanto, diferente da sociedade em que a personagem Camila vive, estes cuidados tornam-se excessivo, e a aparência bela e jovem, muitas vezes, torna-se uma obsessão do narciso contemporâneo. Essa incessante luta pela beleza da juventude pode fazer com que “o feitiço se volte contra o feiticeiro”, e o que anteriormente era investido em prol da saúde, juventude e beleza, transforma-se em doenças físicas e psicológicas. A anorexia, bulimia e depressão, são transtornos psíquicos cada vez mais comuns no cenário atual e o consumo de hormônios, anabolizantes, suplementos e as cirurgias plásticas que, segundo as propagandas,

proporcionam “o corpo perfeito”, envenenam e desnaturam o corpo, e por muitas vezes levando à morte. Assim também a convivência em sociedade e as relações interpessoais são prejudicadas, visto que o interesse pelo bem-estar do outro torna-se quase nulo, e o foco central passa a ser o próprio ego, pois, como já cantava Caetano Veloso em 1978: “Narciso acha feio o que não é espelho”.

Porém a necessidade da perfeição na sociedade contemporânea transcende o espelho e atinge as plataformas digitais. O espelho transforma-se em *Selfie*⁹, a imagem que reflete o sujeito não mais é individual, agora ela é pública, e o prazer encontra-se na apreciação do seu público, demonstrado através de curtidas e comentários. E assim o corpo excessivamente cuidado, livre das imperfeições da realidade, encontra um novo altar para ser contemplado. Estas novas mídias permitem uma “atualização” do Narcisismo, pois facilitam a exposição do corpo, como também a proliferação de imperativos e padrões. O filósofo Lipovetsky, como já foi visto, revela uma nova conexão entre o corpo e a mente do indivíduo, as suas barreiras foram quebradas, o que permite uma inserção ainda mais profunda no narciso.

⁹*Selfie* é uma palavra inglesa, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o narcisismo da personagem Camila do conto “Uma Senhora” (1884) de Machado de Assis sob o olhar do filósofo Gilles Lipovetsky. Nossa pretensão foi analisar a angústia e o medo que a personagem vivencia quando surgem os primeiros sinais da velhice em seu corpo e sua alma. Buscamos evidenciar a sua luta para permanecer bela e jovem e a influência desta situação na sua relação com a família, a sociedade e consigo mesmo, e assim analisar se os conflitos vivenciados pela personagem de Machado de Assis do século XIX apresentam similaridades com o narcisismo contemporâneo.

Como vimos no decorrer de nossas análises, no conto “Uma Senhora” de Machado de Assis, a personagem Camila é uma mulher de beleza exuberante e uma juventude invejável, a ponto de ser comparada a deusas da mitologia pelo autor da narrativa, colocando, desta forma, a personagem um altar de adoração: a sua beleza é cultuada, com um misto de desejo e inveja, por quem a vê.

Apesar de ser uma mulher que tem conhecimentos de seus atributos físicos, Camila, segundo o autor, “vivia principalmente com os olhos na opinião” (ASSIS, 1884, p. 150), mostrando, assim, que independente de viver em uma época em que os meios midiáticos de massa como a televisão, o rádio e a internet ainda inexistiam, a influência e imposição de padrões da sociedade se sobrepõem ao sujeito, ou seja, o sujeito é atravessado por influências externas, quando este, segundo Gilles Lipovetsky (2007), se depara com a “representação social do corpo” e com os “imperativos sociais”.

A angústia e o medo da velhice rondam a personagem de forma que a sua relação com a filha, da mesma forma com o neto, torna-se questionável. Ao tentar mascarar a sua idade, D. Camila cria estratégias para retardar o crescimento e amadurecimento da filha, fazendo-a vestir roupas infantis mesmo quando adolescente, além disto, ao perceber o quão bonita Ernestina é os sentimentos da mãe passam marcados por um misto de amor, inveja e interesses em ser superior na beleza.

A jovialidade e a bela aparência física são notadas pela sociedade, Camila passa a ter práticas que, para o leitor que mergulha na intimidade da personagem, são duvidosas, como citar que se casara muito nova, por isso Ernestina muito se assemelha a ela na idade, passear com mais frequência com a filha e estar sempre acompanhada com neto, pois estas são oportunidades para que a sua beleza e juventude se sobressaiam.

Diante do exposto, a questão norteadora deste trabalho pode ser respondida ao afirmar que o drama da angústia e do medo do envelhecimento vivenciado pela personagem, assim

como a luta pela permanência em um estado de juventude eterna, continuam a ressoar na sociedade atual, da mesma forma os dilemas vividos por Camila se constituem no que concerne ao corpo, os mesmos dilemas do ser humano da contemporaneidade. Contudo é perceptível que no narciso contemporâneo de Lipovetsky há uma “atualização” na abrangência do narcisismo. A sociedade na qual o narciso está presente permite uma ampliação do narcisismo, o que acarreta o aumento de transtornos psicológicos como anorexia, bulimia e depressão, os quais não são vistos na personagem, que vive em meio social totalmente diferente.

Ainda assim, Camila se transforma em uma figura representativa atemporal do Narciso contemporâneo no âmbito corporal e não na psique do sujeito, entretanto isso não tira o grande valor das obras de Machado de Assis, da sua escrita universal que compreende e explora as necessidades mais íntimas do ser humano, assim como suas falhas e qualidades, o que, desta forma, mostra como as suas obras não estão presas ao *Chronos*, o que as torna passíveis de identificação em outros contextos sociais e temporais.

Assim como para a personagem do conto de Machado de Assis que foi objeto de estudo deste trabalho, o corpo tornou-se o objeto de culto também na sociedade contemporânea, o medo e a angústia por temer a velhice são tão marcantes na vida atual que permanecer jovem e lutar contra a diversidade temporal é uma das tônicas da sociedade atual. Todos estes aspectos, que são apontadas por Gilles Lipovetsky (2007) como presentes numa sociedade narcisista, podem ser encontrados também na personagem Camila.

Todo trabalho acadêmico precisa de um “fim”, porém a vasta obra de Machado de Assis, e os amplos estudos de Gilles Lipovetsky e Sigmund Freud ainda permitem diversas perspectivas, olhares e análises, o Narcisismo presente no conto “Uma Senhora” é apenas um aspecto, dentre outros presentes nesta narrativa, que ainda podem ser explorados.

Da mesma forma, outras obras como *O Espelho* (1882), de Machado de Assis, *O Espelho* (1962), de João Guimarães Rosa, *O Retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, pertencentes à literatura brasileira e estrangeira, podem ser analisadas através do olhar de Gilles Lipovetsky e Sigmund Freud, como também de muitos outros autores. Ainda há muito que perscrutar dentro das riquezas da literatura, e a sua relação com psicologia não finaliza aqui, este pode ser apenas um começo.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. **Espelho meu, agora a mais bela sou eu**: Cartografias da história da beleza no Brasil. 2008. 202 f. Tese (Doutorado) – CFCH, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008.

ASSIS, Machado de. **Histórias Sem Data**. Rio de Janeiro: B. L. Garner, 1884.

ASSIS, Machado de. **Projeto Releituras**. Disponível em <http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp>. Acesso em: 06 de março de 2017

BAGY, Alberto. As mulheres de Machado de Assis. **Veritas**. Porto Alegre, v.36, n.142, p. 295-300, jun. 1991.

BERGAMINI, Denise Lopes. **As Mulheres No Conto de Machado de Assis**. *Darandina Revista eletrônica*, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, out. 2008.

BOCK, A., *et al.* **Psicologias - uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999

BORIS, Georges Daniel JanjaBloc. CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade**: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, Vol. 7, Nº 2, p. 451-478. Set/2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.
CHAUÍ, Marilena. O nascimento da filosofia. In. _____. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

DEL PRIORE, Mary. Corpo. In: **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 7ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FRANCHINI, A. S. SEGANFREDO, Carmem. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 9 ed. — Porto Alegre :L&PM, 2007.

FREITAS, Deise J. T. de. **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. Florianópolis, 2007

FREUD, Sigmund. Conferência XXVIa teoria da libido e o narcisismo. In: **Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)**. Ed. Standard Brasileira (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (a).

_____. Três ensaios sobre sexualidade (1905), In: **Obras Completas de Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (b).

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: **Introdução ao Narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)** - Obras Completas Vol. 12. Companhia das Letras, 2010.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica - cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. Narciso ou a estratégia do vazio. In: _____. **A Era do Vazio: Ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.

MIJOLLA, Alain de. **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

NÁSIO, J–D. O conceito de Narcisismo. In: _____. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

NETO, Miguel Sanches (org.) **O Ideal do Crítico**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

O que é Psicanálise? Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise. Disponível em <<http://abrafp.blogspot.com.br/2009/11/o-que-e-psicanalise.html>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

SIANO, Adriana Kelmer. **O conceito de pulsão: do grito de eros ao silêncio de tanatos.**

SOBRAP – Juíz de Fora, 2003. Disponível em

<http://sobrapjf.com.br/img/img_galery/pdf/910670ConceitodePulsao.pdf> Acesso em 4 de janeiro de 2017.

SOARES, Carmem L. Corpo, conhecimento e educação. In. _____ (Org). **Corpo e História.** 2 ed. Campinas, SP: Autores e Associados, 2004.

VILARINHO, Sabrina. **Literatura no Realismo.** *Brasil Escola.* Disponível em

<<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-no-realismo.htm>>. Acesso em 03 de março de 2017.